

**UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

LUCAS LIMA COARACY

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA DOS *WIZARDS*

**NITERÓI – RJ
2016**

LUCAS LIMA COARACY

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA DOS *WIZARDS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Federal Fluminense, como exigência da
graduação em Psicologia, para obtenção dos
títulos de Bacharel em Psicologia e Psicólogo.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Cristine Monteiro Mattar.

**NITERÓI
2016**

LUCAS LIMA COARACY

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA-HERMENÊUTICA DOS *WIZARDS*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Federal Fluminense, como exigência da
graduação em Psicologia, para obtenção dos
títulos de Bacharel em Psicologia e Psicólogo.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Cristine Monteiro Mattar (orientadora)
UFF – Universidade Federal Fluminense

Marcelo Santana Ferreira
UFF – Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O trabalho utiliza o método fenomenológico de pesquisa em psicologia, pensado principalmente por Edmund Husserl, para investigar um grupo de pessoas, usuários da comunidade *Wizchan* na internet, que se autoproclamam *Wizards*. A palavra é utilizada pelos participantes da comunidade para denominar homens virgens acima de 30 anos. Para entender a condição de possibilidade do surgimento do grupo e o seu *site*, é investigada a origem e evolução da palavra *Wizard* para essa definição e o histórico de outros *sites*, que influenciaram diretamente no modo de funcionamento do *wizchan*. São extraídas e traduzidas publicações da comunidade, a fim de não somente compreender os *wizards*, mas também refletir o que suas falas revelam acerca do ser-aí do homem e o atual horizonte histórico, utilizando-se de pensamentos de Martin Heidegger para realizar a meditação.

Palavras-chave: *wizards*, *wizchan*, Heidegger, fenomenologia, horizonte histórico.

ABSTRACT

The work uses the phenomenological method of research in psychology, especially designed by Edmund Husserl, to investigate a group of people, users of the Wizchan community on the Internet, which call themselves Wizards. The word is used by the community participants to refer to virgin men over 30 years old. To understand the condition of possibility of the group's emergence and its site, an investigation is issued on the origin and evolution of the word Wizard for this definition, and the history of other sites, which directly influenced how wizchan functions. Posts from the community are extracted and translated to Portuguese, not only to understand the wizards, but also to reflect on what their statements reveal about the being-there of men and the current historical horizon, utilizing Martin Heidegger's philosophy for this meditation.

Key-words: wizards, wizchan, Heidegger, phenomenology, historical horizon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sistema <i>BBS</i>	14
Figura 2 – <i>2channel</i>	16
Figura 3 – <i>Something Awful</i>	17
Figura 4 – <i>4chan</i>	18
Figura 5 – <i>Wizchan</i>	23
Figura 6 – Estatísticas do <i>Wizchan</i>	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CAPÍTULO 1	11
1.1 Metodologia de pesquisa	11
1.2 Antecedentes do <i>wizchan</i>	14
1.2.1 <i>Ayashii World</i>	14
1.2.2 <i>2channel</i> e <i>2chan</i>	16
1.2.3 <i>Something Awful</i>	17
1.2.4 <i>4chan</i> e <i>/r9k/</i>	17
1.3 O <i>Wizchan</i>	21
1.4 Trechos retirados do <i>website</i>	25
2. CAPÍTULO 2	29
1.1 Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico	29
2.2 <i>Dasein</i> e o horizonte histórico.	39
2.3 Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos.....	43
2.3.1 Identidade e comum-pertencimento	43
2.3.2 O impessoal e a morte	48
2.3.3 As relações e a técnica.....	52
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
3.1 Compreensão Fenomenológica.....	56
3.2 Recepções dos <i>Wizards</i>	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
GLOSSÁRIO	62
ANEXO	64

INTRODUÇÃO

O dicionário *Merriam-Webster* define a palavra *Wizard* como: “Uma pessoa que é habilidosa em magia ou que possui poderes mágicos; uma pessoa que é muito boa em algo¹”. Já o dicionário *Oxford English Dictionary* (OED) a define da seguinte maneira: “Um filósofo, sábio. Um homem habilidoso nas artes ocultas.”² Desde os primórdios da humanidade, há muito tempo atrás, o misticismo e a magia costumam estar presentes de alguma forma nas sociedades. Sejam essas na forma de lendas, tradições, seja de perseguições ou outras, é possível observar a presença de *wizards*, bruxos, magos, ou seja, aqueles com habilidades mágicas, talvez incompreensíveis pelos “humanos comuns”. Respeitados como xamãs, perseguidos como hereges venerados como heróis, suas manifestações na humanidade são plurais. Entretanto, comumente, entre as tantas formas diferentes de ser um *wizard*, parece haver em comum o destaque no excepcional, no manuseio de forças enigmáticas. No Ocidente, um estilo de bruxo em especial foi recebendo maior popularidade, devido a diversos fatores. Os jogos eletrônicos e de interpretação de personagem, inspirados muitas vezes por folclores europeus medievais, livros de fantasia ou fantásticos, foram fortes influências na construção da imagem de um bruxo de cabelos longos e grisalhos, detentor de grandes poderes. Tal caricatura não deve ser considerada como a única representação de um bruxo na ficção atual, porém, ainda será importante como referencial no trabalho dessa análise. Esse mago, representado genericamente, serviu de inspiração para a outra definição da palavra *Wizard* que será apresentada.

No Japão, no *2chan*, uma frase começou a se tornar popular, um *meme*³: “Homem virgem de 30 anos se torna *Wizard*”. Segundo o website *KnowYourMeme*, a frase se originou de um antigo gerador de enquete automático, ganhando popularidade entre os usuários desse serviço. Não há mais referências claras, em inglês ou português, da origem da frase no Japão. É incerto se a escolha do termo

¹Original: *a person who is skilled in magic or who has magical powers : a sorcerer or magician.; a person who is very good at something.*

²Original: *A philosopher, sage; [...] A man who is skilled in occult arts.*

³ Informações culturais repassadas por gerações, no contexto da internet, costumam ser informações e mídias que se tornam populares e circulam dentre as redes. Disponível no glossário.

wizard foi intencional ou aleatória. De toda maneira, tal definição, como homens virgens acima de 30 anos, passou a surgir nesse cenário por volta de 2002. Como será apresentado no Capítulo 1, item 1.2 *websites* no Ocidente como *4chan*, a partir de suas correspondências com *2chan* e *2channel*, principalmente através de usuários em comum, incorporam essa noção dos *wizards*. Assim, em 2008, no *website Urban Dictionary*, a seguinte definição foi postada por um usuário:

Uma pessoa que nunca perdeu sua virgindade por 25 anos. Ele também pode usar magias poderosas.
Se você mantiver sua virgindade por mais de 25 anos, você se torna um bruxo e você pode usar magias poderosas para proteger sua virgindade. Destrua todas as garotas que você vir em sua frente com magias poderosas, elas podem tentar tirar sua virgindade! (URBAN DICTIONARY, 2008)

Apesar da discrepância nas idades requeridas, o significado do termo ainda se preserva em certo grau, relacionando a virgindade aos poderes mágicos. Um destaque possível é a permanência do termo como exclusivo para homens, e, segundo essa definição, as mulheres se tornariam automaticamente adversárias. Portanto, já é possível notar que o termo não se configura em uma simples descrição, pois revela sentidos sobre a questão da virgindade e relacionamentos para os supostos bruxos. Eventualmente, como será demonstrado no primeiro capítulo, o fenômeno dos *wizards* no Ocidente ganha uma maior proporção. Discussões surgem sobre o que seria um “verdadeiro *wizard*”, como este deve se comportar, além de diversas outras questões. Assim, a virgindade aos 30 anos passa a não ser mais a única condição, como antes, mas sim vista como o mínimo para que alguém possa ser considerado um bruxo.

Foram criados *websites* dedicados aos supostos *wizards*, em que esses possam conversar através de textos anônimos. *Wizardchan*, atualmente fora do ar, e *Wizchan*, são os que receberam maior número de usuários. Com isso, foi também criado o termo aprendiz – do inglês *apprentice* - designado àqueles que se consideram “no caminho” para tornarem-se bruxos, ou seja, usuários que preenchem os requisitos para serem bruxos, mas sem ainda completarem trinta anos.

Ao longo do trabalho serão exemplificados discursos retirados da comunidade. Muitas vezes, são facilmente considerados machistas, depressivos, vazios, e demais classificações. Durante a investigação, pretendeu-se abandonar o julgamento moral acerca desses discursos. No capítulo 1 são apresentados trechos extraídos dos *websites*, e esses trechos revelam parte da gama de pontos que rodeiam esse fenômeno. No capítulo 2 é introduzido como o pensamento heideggeriano pode nos ajudar a compreender os sentidos dos modos de ser dos autoproclamados *wizards* e *apprentices*. Estes modos de relação são contextualizados ao nosso atual momento, o horizonte histórico da técnica, apontando a relevância da discussão para um sentido maior do que somente uma descrição de seus modos de ser.

1. CAPÍTULO 1

1.1 Metodologia de pesquisa

O trabalho se utiliza da metodologia fenomenológica de pesquisa em Psicologia. Trata-se de uma metodologia qualitativa que contempla os requisitos do método fenomenológico e da Psicologia como ciência humana. (GIORGI; SOUSA, 2010) Possui diferenças em seu método e fundamentações da fenomenologia voltada para a Filosofia, ou a Fenomenologia Transcendental. Entretanto, respeita os pressupostos apontados principalmente por Edmund Husserl para a investigação fenomenológica. É imprescindível o exercício das reduções fenomenológicas, em especial a *Epoché*⁴. Essa consiste em suspender a nossa atitude natural, a crença no mundo independente de consciência ou intenções, um mundo simplesmente dado. Não se trata, assim, de excluir ou negar a realidade, mas de alterar a forma como lidamos e nos posicionamos em relação a esta.

A investigação qualitativa fenomenológica costuma empregar, como meio de coleta de dados, entrevistas com os seus participantes. Neste trabalho não serão realizadas entrevistas, tendo em vista principalmente o anonimato de seus participantes, mas serão retirados trechos de postagens anônimas no website para a pesquisa. Pela natureza do veículo de comunicação, a falta de acordo entre o investigador e o investigado, e o próprio ambiente onde são coletadas as descrições, não se tem nenhuma garantia de que tais depoimentos refletem fielmente as vidas de seus autores. Entretanto, pelo método fenomenológico, isso não se torna necessariamente um problema. Ainda que as postagens possam ser fabricadas ou imprecisas, elas revelam os sentidos das temáticas ali apresentadas, são a expressão da maneira como essas existências estão no mundo. A redução fenomenológica-psicológica implica em não “concorrer” pela definição de uma verdade com o que é exposto – dessa maneira, as falas extraídas fazem algum sentido, independentemente de argumentações sobre sua veracidade. Com a

⁴ É uma das possíveis reduções fenomenológicas propostas por Husserl. É a atitude de suspender a crença da atitude natural, ou seja, desconsiderar que o mundo preceda à nossa experiência dele. Com essa atitude, suspendendo também os conhecimentos previamente adquiridos, é possível mudar a forma como nos posicionamos às coisas, de maneira mais reflexiva e aberta ao estudo dos fenômenos.

Epoché, a aproximação aos *wizards* não mais é vítima de determinações, sejam elas vindas de outras análises, da ânsia da explicação breve, ou do que propõem os próprios autodenominados *wizards*. As representações são colocadas entre parênteses, para que o fenômeno possa ser apreendido com menos enviesamentos. Assim que os dados foram obtidos – nesse caso, os trechos escritos no *website*-, os quatro passos para o método fenomenológico de investigação em psicologia foram empregados:

- a) O primeiro é o estabelecimento do sentido geral. Nesse momento, o investigador reúne as descrições coletadas dos participantes e, tendo sempre em exercício as reduções fenomenológicas, procura delinear o sentido geral do que aparece nos dados. Sem procurar rapidamente explicar ou abarcar o que aparece do fenômeno, o objetivo é compreender de forma inicialmente mais ampla o que está sendo tratado. Dessa forma se mantém um norte inicial para os próximos passos, que envolvem transformações em partes. Esse sentido geral, como um todo, torna-se então referência para as relações das próximas partes.

- b) O segundo é a divisão das unidades de significado. Nessa etapa, inicia-se o trabalho de aprofundar as investigações nos materiais adquiridos. O investigador procura, nas falas relatadas dos participantes, mudanças de sentidos. São feitas, então, divisões no material, aqui simbolizadas por uma barra (/). Esse passo tem como finalidade uma clareza maior acerca do que, pelo decorrer da pesquisa, poderá servir como pontos relevantes nas futuras transformações em significados psicológicos. Isso quer dizer que não há, nesse momento, uma objetividade rígida em se determinar com exatidão onde é que essas mudanças de sentido ocorrem. As divisões são realizadas de acordo com os enfoques das investigações, podendo ser feitas de maneiras diferentes. Nos trechos que serão apresentados no final do capítulo, as divisões ocorrem mais nas publicações maiores. Para os outros textos menores, optou-se na pesquisa por não fragmentá-los mais ainda.

- c) O terceiro passo é a transformação das unidades de significado, separadas anteriormente, em expressões de caráter psicológico. Nessa parte, o investigador utiliza de seus conhecimentos em psicologia, e, nesse caso, da fenomenologia de Heidegger, para descrição das unidades. Há o esforço em transformar o que é desvelado, a partir das falas dos participantes, em considerações mais claras a nível psicológico. É necessário cautela nesse momento, pois não se pretende explicações conclusivas sobre o que é apresentado. Portanto, ao invés de reformulações sobre o que os participantes viveram, há a busca pelo que é essencial nas falas. Assim, o investigador nesse momento procura transparecer o que, no recorte, estava implícito. A partir disso, é possível observar o que aparece de forma recorrente, o que concorre com outras falas, e o que se pode ter como mais relevante.
- d) O quarto passo se configura na determinação da estrutura geral de significados psicológicos. O objetivo é a partir do que foi desvelado, dos temas estudados e as proposições dos investigadores, construir uma estrutura mais geral. Os pontos levantados no passo anterior são relacionados e podem ser incorporados ou não na análise final. Essa síntese, de diferentes formas, envolve todos os dados coletados até então – sejam diretamente explorados na estrutura ou não. Além disso, não necessariamente se chega a uma conclusão indubitável e única, pois não há exigência de que tudo seja forçado a estar em uma estrutura. O que ocorre nesse momento, em questão de conclusões ou estruturas, também está intimamente relacionado à proposta da pesquisa. No presente trabalho, não se tem a pretensão de finalizar em somente uma análise o que são os *wizards*. Tal posicionamento iria contra o que é discutido na etapa, como, por exemplo, a impossibilidade de abarcar por completo os fenômenos aqui estudados. Os objetivos se voltam muito mais para uma primeira apreensão desse movimento recente, de forma a se ter uma abertura para o que é desvelado enquanto no exercício da suspensão de valores. Para tal, alguns pensamentos do filósofo alemão Heidegger se tornam importantes ferramentas de auxílio.

1.2 Antecedentes do *wizchan*

Neste item é apresentado o histórico do *website Wizchan.org*, onde foram coletados os trechos da pesquisa. As informações são retiradas de páginas na Internet criadas principalmente por usuários dos fóruns online apresentados. Devido à escassez de documentos e relatos científicos sobre esses *sites*, foi necessário recorrer a esses arquivos históricos muitas vezes imprecisos. Principalmente quanto às origens japonesas do fenômeno, ainda se tem pouco material traduzido para língua inglesa ou portuguesa. Foi realizada uma aproximação em datas e descrições dos eventos de acordo com o que foi registrado. Entretanto, independentemente da precisão dos eventos apresentados nessa retomada histórica, deve-se ter em mente que o objetivo da exposição é uma melhor compreensão do contexto em que surge o fenômeno dos *wizards*. Dessa maneira, pode-se entender os trechos retirados e como funciona o local onde esses foram publicados originalmente.

1.2.1 - *Ayashii World*

A cultura da internet no Japão começou em meados da década de 90, com poucos tendo acesso a essa ferramenta. Masayuki Shiba, em 1995, fundou o site *Ayashii World* (あやしいワールド), dedicado a um jogo controverso da época. *Ayashii* pode ser traduzido como “suspeito”, “estranho”. Em 1996, Shiba conheceu um site de pornografia infantil, que usava um sistema anônimo BBS (Bulletin board

Figura 1 - Sistema BBS



Fonte: <http://knightwise.com/geek-nostalgia-bulletin-board-systems-by-mcvries/>

system)⁵. Shiba apreciou o funcionamento desse sistema anônimo, o que o levou a recriar o *Ayashii World* sob a forma do sistema BBS. *Ayashii World* passou a ser um local onde os jovens japoneses buscavam refúgio de uma sociedade altamente disciplinar e moralmente rígida. Os primórdios dos fóruns anônimos nasciam nesse momento. O site ganhou popularidade entre o público *underground*⁶, pois a Internet ainda estava em seus estágios iniciais, e, portanto havia pouca intervenção legal em seu meio. A falta de leis para proteção dos usuários fazia com que os japoneses evitassem cadastrar contas em sites, pois receavam ter suas contas invadidas por *crackers*. Os tópicos mais discutidos no site eram pedofilia e cultura *geek* - interesses principalmente em anime, mangá e computação. Desenvolvedores, programadores e crackers passaram a se reunir também no local.

Ayashii World passou a desenvolver sua própria cultura, de forma satírica à sociedade japonesa da época e produzindo seus *memes*. À medida que mais usuários descobriam o site e passavam a frequentá-lo, evidentemente mais popularidade este ganhava e mais atenção recebia das autoridades. Ocorreram postagens de usuários exibindo seus espólios após realizar roubos de dados, organizavam-se *raids*⁷ e de outras atividades ilegais. Após complicações legais, em 1998 o site foi fechado.

Muito aconteceu durante esse período, o site sofreu transformações, polêmicas foram geradas, além da germinação de um tipo de relação em comunidade pela internet surgindo no Japão. O que se deve ter em mente, por hora, é o entendimento do contexto em que o precursor do *4chan* é criado: um site que se tem por símbolo o anonimato, criado e frequentado por japoneses que almejam um local em que possam se sentir menos pressionados pelas demandas cotidianas, cujos temas frequentemente escapam de censuras e regulações.

⁵ Um sistema informático, um software, que permite a ligação (conexão) via telefone a um sistema através do seu computador e interagir com ele, tal como hoje se faz com a internet.

⁶ Uma expressão para designar um ambiente, público ou produção que não se conforma aos padrões típicos.

⁷ Múltiplos ataques de dados simultâneos a um mesmo domínio de internet.

1.2.2 - 2channel e 2chan

Ayashii World, que foi influenciado por um site, também influenciou diversos outros. Nos seus períodos de instabilidade, em que, por vezes, o site era fechado para só eventualmente retornar online, usuários criavam suas próprias versões do *Ayashii World*, culminando em uma lista de derivados e concorrentes. Um deles foi o

Figura 2 - 2channel



Fonte:

<http://d.hatena.ne.jp/metagold/20080513/1210650528>

Channel, fundado por Amezou-shi. Inicialmente, o site era apenas um índice dessa lista de fóruns *BBS*, mas cresceu para se tornar mais um deles e ganhou grande popularidade. Em 1999 o site foi fechado, mas, logo em seguida, Hiroyuki Nishimura criou o **2channel**, em homenagem ao primeiro, utilizando-se dos códigos desse.

Por volta de 2001, instabilidades no servidor do 2channel ameaçavam o funcionamento do site, o que fez com que Nishimura criasse o **2chan**, que serviria de um banco de dados, como *backup*⁸ para o site. Entretanto, o 2chan se utilizava de um novo sistema, que permitia que os usuários acompanhassem suas postagens de imagens, o que foi um enorme diferencial entre os fóruns japoneses. O 2chan se tornaria, então, extremamente popular entre a comunidade japonesa. Ele serviu de modelo para que Christopher Poole mais tarde fundasse o **4chan**, a versão ocidental do 2chan.

⁸ Dados copiados e armazenados em outro local, físico ou virtual, para garantir a preservação dos mesmos, caso os originais sejam corrompidos ou perdidos.

1.2.3 - *Something Awful*

Em 1999 o site *Something Awful* é criado, com o seguinte slogan: “A internet te torna estúpido”. Começou como um site pessoal de um usuário conhecido como Lowtax, em que ele e seus amigos postavam conteúdos humorísticos e paródias, com a base de mostrar “coisas feias da internet”. Junto a ele foi criado um fórum para a discussão dessas postagens, que por sua vez requeria registro (ao contrário dos fóruns anônimos no Japão que foram apresentados aqui). Curiosamente, o site foi ganhando popularidade e Lowtax adicionou uma taxa de inscrição no site de 10 dólares. A comunidade deste site passava a também desenvolver sua cultura, seus *memes*, e um elitismo a respeito do comportamento de seus usuários.



Fonte: <http://joyreactor.com/post/472160>

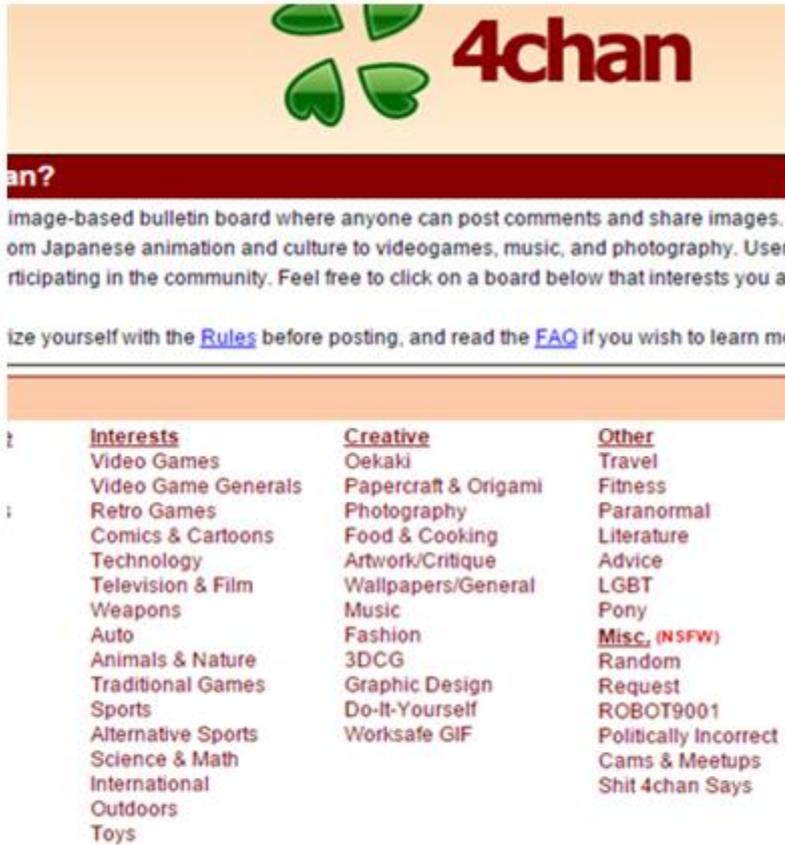
Por volta de 2003 os usuários desse site descobrem o 2chan e o world2ch, o último permitindo postagens tanto em inglês quanto em japonês. *Something Awful* passa a ter seções cujas propostas se assemelhavam ao dos fóruns japoneses, voltando-se principalmente a anime e mangá. Em 1º de Outubro de 2003, Christopher Poole, usuário do *Something Awful*, conhecido como moot, cria o site **4chan**. moot anuncia no *Something Awful* essa criação e o site rapidamente ganha popularidade.

1.2.4 - *4chan* e */r9k/*

O *4chan* é estabelecido como uma transposição do 2chan para a língua inglesa. Com subfóruns e a capacidade de postar-se anonimamente com o acompanhamento de imagens, foi ganhando popularidade na internet. Seu subfórum mais notável é o */b/ - random*. Nele, os usuários podem postar sobre o que

quiserem, conversarem sobre o que bem entenderem, com exceção de algumas regras a serem seguidas. O site dispõe de moderadores, capazes de deletar

Figura 4 - 4chan



Fonte: www.4chan.org

usuários e conteúdos fora das regras, como a pedofilia. Apesar de não haver nenhum mecanismo de inspeção quanto aos usuários em si, é dito nas regras que apenas maiores de 18 anos podem acessar o site. O fluxo de tópicos e postagens é muito alto, e o site funciona com o seguinte sistema: cada subfórum comporta um número limitado de tópicos criados pelos usuários. A cada vez que alguém responde a um

tópico, esse fica em primeiro lugar na fila de tópicos. Os que ficam por último e passam do limite são automaticamente excluídos, para darem lugar aos novos tópicos que surgem. Então, por exemplo, se atualmente há 30 tópicos sendo discutidos e alguém cria mais um, o recém-criado vai para o 1º lugar, e o que estava em 30º é excluído. Dessa forma observa-se uma efemeridade nas discussões: dependendo do fluxo grande ou pequeno de usuários naquele fórum, mesmo os tópicos mais marcantes ou discutidos são sempre substituídos eventualmente (BERNSTEIN, MONROY-HERNÁNDEZ & HARRY, 2011). A prática comum é que o usuário do site participe de vários tópicos diferentes, sendo anônimo, discutindo com outros anônimos, testemunhando velhas discussões ou novas surgindo. Assim, quanto maior a permanência do usuário no subfórum, maior a chance dele testemunhar algum novo acontecimento.

Apesar da crescente popularidade, o *4chan* mantinha o aspecto *underground* que vinha se estabelecendo desde o *Ayashii World*. O site também culminava no que seria a continuação do que *Something Awful* pretendia com a “exposição do feio”. O anonimato permitia uma sensação maior de liberdade para a emergência de assuntos como imagens fortes de violência, vazamento de informações, discursos odiosos... O anonimato, a carência de uma rígida administração, como no *Something Awful*, somando-se à certeza de que os dados seriam apagados depois, eram suficientes para que esses assuntos congregassem ali. Entretanto, assim como aconteceu com seus antepassados, complicações legais surgem por essas práticas, fazendo com que moot tenha que contratar moderadores para que deletassem prontamente qualquer conteúdo que violasse a constituição norte americana. Mesmo assim, difamações, racismo e ameaças se tornaram aspectos corriqueiros do cotidiano do *4chan*.

Essa popularidade então vinha acompanhada de uma associação à imprevisibilidade do *4chan* e do */b/*, seu subfórum principal. Na maior parte das vezes, conteúdos novos (principalmente imagens, *memes*, ideias) surgiam anonimamente no */b/*, são espalhados pela internet, alguns procuram a origem e se deparam com o *4chan*. A imagem de um ambiente hostil, em que a convivência nele requer alguém preparado para testemunhar coisas perturbadoras, tanto afastou boa parte dos usuários tanto atraiu outra parte.

Com o passar dos anos, apesar da criação de vários subfóruns (exemplos: fotografia, literatura, natureza, armas, videogames, ciência e matemática, etc), o *4chan* como um todo reteve uma caricatura de um abrigo para pessoas que “não são normais”. Os usuários se percebem, de maneira geral, como componentes de um grupo não convencional, antagonista a outras comunidades de mesmo tema na internet. Portanto, de maneira interessante, por mais específico que seja o subfórum, o seu funcionamento ainda remete ao estilo */b/*, retendo mais ou menos sua agressividade e normas. Assim, apesar de cada subfórum desenvolver suas particularidades, uma brincadeira comum é a consideração de cada um deles como os “estranhos” comparados com outros fóruns afora, justamente por pertencerem ao *4chan*. Isso é uma espécie de atribuição a características que são comumente associadas aos usuários do site aos próprios subfóruns.

Sobre o perfil dos usuários do *4chan* a discussão é delicada. Corre-se sempre o risco de uma generalização perigosa, que não condiz com a tamanha variedade de pessoas, histórias, estilos de vida e pensamentos. Isso porque, em geral, os próprios “4channers” muitas vezes adquirem um humor “auto-depreciativo”, alimentando a imagem de “desajustados” que tanto é associada ao *4chan*. Entretanto, com o passar do tempo, os subfóruns temáticos do site foram se tornando, para os usuários em geral, indicativos de como são as pessoas que os frequentam. É comum, na cultura do *4chan*, que o usuário se encontre mais afetado e interessado por um subfórum específico, eventualmente acessando-o muito mais que os outros, identificando-se com seus *memes*, imagens, discursos... chegando até ao caso de representações de aparências, gênero, comportamento, etc. Nada impede que o internauta frequente vários subfóruns, entretanto é curioso observar o quão comum ocorre o fenômeno de quase como uma necessidade de pertencimento a uma comunidade – os usuários que demonstram sua ignorância das ideias e histórias de um subfórum são criticados, para então serem recomendados que passem mais tempo *lurking*⁹. Apesar do fator determinante de anonimato, alguns subfóruns revelam indícios de seus dados demográficos a partir de relatos dos seus membros pelo tempo, como proporção entre gêneros.

Em 2008 o subfórum */r9k/ (ROBOT9000)* foi criado, cujo tema principal era o de compartilhamento de histórias. Esse tenta incentivar a criação de novos conteúdos a todo momento, utilizando-se de um script que impede que qualquer mensagem seja igual a uma outra já postada. Diferente do */b/*, que se tornou popular por suas criações e repetições de imagens e frases, o */r9k/* possui um sistema que automaticamente detecta e impede postagens repetidas, garantindo que nenhum comentário ou tópico seja igual a um anterior. Em seu tempo de vida o subfórum passou a ter uma proporção muito grande de tópicos com o assunto de relacionamentos e cotidiano de jovens. Em grande maioria os tópicos debatem os sentimentos envolvidos na manutenção de um relacionamento ou principalmente no desejo de se ter um – de fato, tornou-se característica como imagem do subfórum, para espectadores de fora, que seus usuários a todo momento apenas se lamentam

⁹ Verbo utilizado principalmente por usuários do *4chan*, no *website* ganha o significado de visualizar, acompanhar o que acontece nos fóruns, sem publicar seus comentários.

por não ter uma namorada (como já discutido, a noção vigente é a de muitos usuários homens para poucas mulheres). A importância de se pensar o /r9k/ está em identificar que, depois da diversidade de pessoas no /b/, cujo próprio tema é a aleatoriedade, no /r9k/ certos usuários passaram a entrar em maior contato uns com os outros, mesmo anonimamente, e formarem uma identificação em torno desse aspecto da virgindade.

Mesmo no *4chan* e no /r9k/ esse grupo de pessoas ainda se sentia excluído. Ainda que o *4chan* seja visto por muitos de seus usuários como o lar dos “desajustados”, evidentemente não há uma homogeneidade de pessoas que o frequentam. Observa-se, no *4chan*, uma repulsa de graus variáveis aos que são considerados, pelos usuários, como *normalfags*¹⁰. Os elitismos de cada subfórum se configuram de formas diferentes, mas costumam girar em torno do quão imerso cada usuário está naquele determinado tópico. Ou seja, do usuário é esperado que saiba muito do tema, além de que saiba a cultura do fórum. Essa dedicação não é vista como cabível para pessoas que dispõem de pouco tempo para os dois requisitos – os considerados “normais”. Os *wizards* se mostravam especialmente incomodados com os “normais” no /r9k/. E, assim, o elitismo “normalfóbico” atingia também os que não eram considerados *tão desajustados quanto os wizards*.

1.3 O *Wizchan*

No ocidente foram criados diversos *websites* dedicados ao autoproclamados *wizards* e aprendizes. Para esse trabalho, investiga-se em especial o *website wizchan.org*. Nesse *website* é possível observar interações entre seus usuários de forma anônima. As discussões são diversas, abarcando desde um grande número de desabafos a propostas de debates sobre temas diversos, como por exemplo, matemática, música, filmes, história, teologia, temas filosóficos como morais, natureza humana, suicídio, lógica, etc. A cultura dos *wizards* se apoia na questão da virgindade, entretanto, não se limita a ela. A ausência de relações sexuais, somada

¹⁰ Expressão pejorativa para referenciar o que muitos usuários do *4chan* e *wizchan* consideram como pessoas normais, geralmente assim consideradas por não acessarem esses *sites*.

à idade, são o pilar central da definição, mas não garantem que tal usuário possa ser considerado como um membro aceitável no grupo. Na verdade, como será explorado no trabalho, há grandes discordâncias entre os usuários sobre o que seria ou não um comportamento de um *wizard*. É costumeira a diferenciação radical entre um “normal” e um bruxo, com pouco espaço para meio-termo. Como será apresentado nos trechos extraídos do *website*, generalizações sobre o que referem como “pessoas normais” são constantes, geralmente acompanhadas de falas hostis. Para ilustração, a seguir as duas primeiras regras:

Não publique sobre, expresse seu desejo em, sugira ou implique que você já teve, terá ou gostaria de ter quaisquer experiências pessoais, sexuais ou românticas (inclui beijar, ter uma namorada etc).

[...] Não publique sobre atividades da vida real ou amizades, ou sugira que você voluntariamente se engaja em atividades sociais (ex: ir a um bar ou festa). (WIZCHAN, 2016)

O sucesso do *4chan* inspirou criações de diversos “*chans*”, fóruns com funcionamento baseados no primeiro. Criado em 2012, *wizardchan.org* foi um deles, tornou-se o site principal para acolhimento e discussão dos que se identificam como *wizards*. A grande maioria de seus membros veio do */r9k/*, no *4chan*. Em 2014, o site saiu do ar por complicações de seus administradores. Alguns *websites* foram criados para herdar esses usuários, e o mais popular se tornou o ***wizchan.org***, mantendo seu funcionamento e layout bastante parecidos, porém sob nova direção.

Figura 5 - Wizardchan



Welcome to Wizardchan

Wizardchan is a Japanese-inspired imageboard for male virgins to share their thoughts and discuss their interests and lifestyle as a virgin. The name of our website is inspired by the wizard meme, which refers to someone who has maintained his virginity past the age of 30. In contrast to other imageboards, Wizardchan is dedicated exclusively to people who have no sexual experience and may be NEET or hikikomori. To determine whether you belong here, you should take this [test](#).

Recent Images

When I first heard about the wizards, they were a novelty – angry white male virgins who just want to watch the world burn. Now, I feel like I know them. They aren't just relegated to one corner of the internet, either – elements of their ideology creep in all around us. If we want a healthier society, we should try to convince the wizards that the magic they're looking for won't be found by looking further inside themselves, but instead out in the modern world, beyond their basements.



Latest Posts

Lounge: >>103422 [who were you texting...](#)
 Lounge: ["Mmmm" -me](#)
 Meta: [\(no comment\)](#)
 Lounge: [>at work walking to break, loo...](#)
 Lounge: [>>103416 >Some poor wizzie ne...](#)
 General: [>>91044 >So why does a book...](#)
 Lounge: [>>103366 >It's for attention ...](#)
 General: [My thoughts exactly, OP. He...](#)
 Depression: [My mood keeps fluctuating from...](#)
 Lounge: [>>103416 You can also downl...](#)
 Lounge: [I've known about him for 5+ ye...](#)
 Lounge: [>>103406 nothing, I looked in...](#)
 General: [>>91040 She also misses that ...](#)

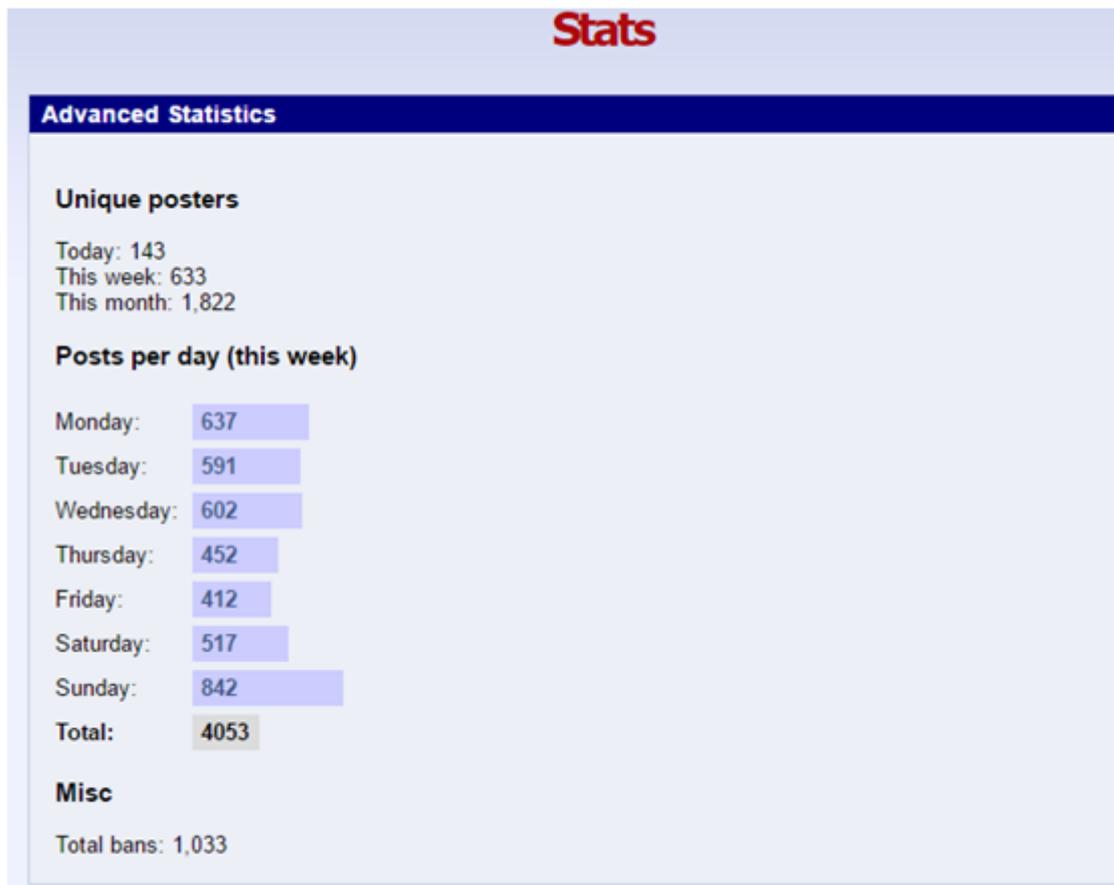
Fonte: www.wizchan.org

O site é dividido em poucos subfóruns, ao contrário do *4chan*. Entre eles, destaca-se o */wiz/*, destinado a assuntos em geral, e o */dep/*, onde se concentram os desabafos depressivos. Os discursos comumente encontrados em qualquer um dos subfóruns podem ser corriqueiramente classificados como sexistas, misóginos, depressivos... Há, no entanto, diversos estilos de postagens. Muitos iniciam discussões ao compartilharem pensamentos, hábitos, dúvidas, insatisfações, etc. Vários são os que criam tópicos perguntando como os outros lidam com diversos assuntos. Frequentemente são discutidas as relações dos usuários com seus familiares. Há também sempre um tópico destinado a que os usuários conversem sobre suas rotinas de trabalho, incluindo seus relacionamentos com colegas e chefes. Nesse é comum publicar histórias que ocorreram em seus locais de trabalho.

Destaca-se uma grande preocupação, tanto da administração quanto coletivamente dos próprios usuários, que os “normais”, como assim são chamado pelos *wizards*, não podem aparecer. No subfórum */meta/*, destinado a conversas sobre o próprio website e seu estado, comumente se vê comentários em que é

atribuído “baixa qualidade” de tópicos à “invasão” de “normais”. As discussões dos usuários são monitoradas por moderadores, capazes de mover e excluir tópicos, remover o acesso de usuários, além de outras funções. Deles são cobrados, pelos usuários, que propiciem um site sem situações relatadas nas duas regras. Não é raro observar, no próprio */meta/*, apelos de usuários por terem suas contribuições (tópicos ou comentários) removidos, porque foram considerados “normais” por outros usuários ou pela moderação.

Figura 6 - Estatísticas do Wizchan



Fonte: <https://www.wizchan.org/stats.html>

Na figura 6 é possível conferir estatísticas geradas pelo próprio *site*. Essas foram recuperadas em Junho de 2016. Na imagem constam as seguintes informações: Usuários únicos, informação que indica uma aproximação de quantos usuários diferentes publicaram mensagens no *Wizchan*. O primeiro campo se refere aos 143 usuários por dia (até o momento em que a captura da imagem foi feita), 633 usuários por semana e o último 1.822 usuários por mês. A segunda parte informa as mensagens por dia da semana, atualizado semanalmente. Segunda-feira: 637.

Terça-feira: 591. Quarta-feira: 602. Quinta-feira: 452. Sexta-feira: 412. Sábado: 517. Domingo: 842. Total na semana: 4053. A terceira informação, ao final da imagem, é a contagem de quantos usuários já foram banidos: 1.033. Os usuários banidos ainda conseguem acessar as páginas do *website*, mas são bloqueados caso tentem publicar qualquer comentário.

1.4– Trechos retirados do *website*

A seguir são apresentados trechos publicados no Wizchan.org. Em um período de março a junho foram destacadas diversas publicações, os trechos presentes nessa pesquisa foram os considerados mais relevantes para a discussão proposta. Todos os autores são anônimos. As traduções apresentadas foram realizadas pelo pesquisador, os trechos originais se encontram em anexo. A escolha de palavras e configurações das frases das traduções procurou refletir a estrutura dos trechos originais na medida do possível. Dessa maneira, optou-se preservar alguns erros em pontuações. Cada tabela possui a indicação acima referente ao número do trecho, a identificação do participante e por último a correspondência do texto original encontrado no anexo.

Trecho nº 1, participante P1.
Um bruxo é definido como um virgem de 30 anos. Alguns irão discutir sobre os padrões para um “verdadeiro bruxo”, mas o mínimo constitui em 30 anos e virgindade.
Se você faz sexo, você é instantaneamente desqualificado de ser um bruxo. Esse é um simples, discreto salto.

Trecho nº 2, participante P2.
todas <i>súcubos</i> ¹¹ são normais todos os não virgens são normais

¹¹ Termo pejorativo utilizado para se referir a mulheres em geral. Súcubos são criaturas mitológicas, com aparência feminina, que seduzem homens para, através de uma relação sexual, roubar suas energias vitais.

todos os virgens que desejam sexo são normais
 todos que socializam ou desejam socializar são normais
 algumas outras coisas também. não consigo me incomodar pensando nelas, mas essencialmente qualquer coisa “não-wizard” ou proibida no *wizchan* eu considero normal ou pelo menos não desejável. /
 eu não considero postar no *wizchan* como socialização. é mais como uma tarefa sagrada que todos os *wizards* devem fazer independentemente de sua apreciação por isso, porque não há mais nenhum outro lugar para os *wizards*

Trecho nº 3, participante P3.

Alguém mais sente como se tivesse perdido a habilidade para falar? Eu não consigo formular sentenças espontaneamente em tempo real como eu costumava fazer e quando eu sou forçado a me comunicar sempre sai não como eu gostaria que fosse e soando bem lento e maçante como se estivesse em privação de sono ou algo do tipo. / Eu entendo que é porque eu voluntariamente escolhi me isolar todos esses anos mas é ruim como eu não consigo nem devolver um comentário esperto quando estou batendo papo com meus próprios pais.

Trecho nº 4, participante P4.

Alguém mais quer apenas perder sua mente um pouco antes do fim? Muitas pessoas têm medo de demência, mas eu vivi com ela em alguma forma pela maior parte da minha vida. /
 Eu não quero mais lembrar de coisas que eu vi ou fiz. Caso se torne um borrão desarticulado de faces, palavras e atos então que seja. Se eu não puder separar realidade da ficção melhor ainda. Eu desejo ter tomado a pílula azul.¹²

Trecho nº 5, participante P5.

Eles falam isso porque para eles depressão é sentir-se triste no final de semana e raramente dura mais que alguns dias.
 Eles não conseguem imaginar depressão perdurando por anos e pensam que assim como acontece com eles ela irá sair eventualmente

¹² Referência ao filme *Matrix* de 1999. O personagem *Morpheus* oferece ao protagonista, *Neo*, a chance de tomar uma de duas pílulas. A vermelha o fará conhecer a realidade por trás das coisas, por mais que a verdade o faça sofrer. A azul lhe traz a vida pacífica repleta de ilusões.

Trecho nº 6, participante P6.

Não só isso, mas eles tiveram enfiado em suas cabeças desde o nascimento que a vida é bonita e que vale a pena ser vivida. A maioria deles nunca experimenta o que é estar no lado ruim dela pela totalidade de suas vidas.

Trecho nº 7, participante P7.

Eu não entendo as motivações das pessoas para fazer até mesmo as tarefas mais simples. O que as pessoas querem realizar e o que as faz acreditarem que isso irá fazê-las felizes?

Eu penso no melhor cenário possível e ainda assim não acredito que eu estaria contente. /

Eu devo acordar de manhã? Por quê? Devo escovar meus dentes? Por quê? Devo tomar banho? Por quê? Devo comer de forma saudável? Por quê?

Eu não tenho resposta, nenhum propósito.

O que torna as outras pessoas diferentes de nós, como eles podem ser felizes nesse mundo? NÃO HÁ NADA

Trecho nº 8, participante P8.

Se estiver falando da maior ideia do que é ser um *wizard* ao invés de apenas um virgem, então o aspecto social é provavelmente o mais importante. Ter a quantidade de interações na vida real (e até mesmo online não-anônimas) em um mínimo é a própria recompensa. / Primeiro deixe-me dizer que relacionamentos estão em todo lugar, são colegas de trabalho, trabalhadores em uma loja, as pessoas que sua família conhece, os seus vizinhos com quem você nunca conversa, e claro toda amizade do passado ou do futuro se aplicável. Por todo relacionamento que você forma, intencional ou não, você corre o risco de se envolver em suas vidas. No mínimo do possível, eles irão desenvolver uma percepção de você e isso pode se tornar em expectativas ou realidades que irão forçar em você. Além disso há a chance que eles irão pedir favores, tentarem conversar, talvez até tentar socializar. Quanto mais pessoas você conhece maior a responsabilidade e o fardo que você será sujeitado, nem que seja um pouco. / Isso é algo que eu sinto ser o ponto principal em o que é ser um bruxo, virgindade é só o requerimento, talvez até um efeito colateral desse tipo de estilo de vida que as

peças chamam "wizard". Eu não acho que eu mudaria em nenhuma maneira se eu perdesse minha virgindade, mas não há razão ou incentivo para que eu o faça, estou certo que uma proporção razoável de pessoas aqui pensam o mesmo. / E para os normais escondidos lendo: mesmo se estiver se identificando com isso, não te isenta ser um normal lixo. Então vá para onde você pertence.

Trecho nº 9, participante P9.

Como vocês lidam com a passagem do tempo?

Toda vez que eu consigo felicidade o suficiente para me sentir normal, eu me lembro que estamos todos morrendo lentamente e perdendo o tempo precioso que temos na Terra. Está chegando ao ponto em que eu mal consigo desfrutar de qualquer coisa. Como se pode esquecer que você está morrendo para poder apreciar a vida novamente?

Trecho nº 10, participante P10.

Eu odeio como as pessoas têm filhos como projetos hoje em dia. Um ou dois troféus customizados de artesanato para se mostrar e ostentar por aí. E se a criança fracassa apesar de todo o trabalho, eles a desprezam como se fosse um utensílio ou brinquedo quebrado. /

Meus pais me fizeram estudar vários tipos de coisas antes mesmo de eu entrar na escola. E então precisavam que seja uma escola especial para o ensino médio. Depois precisavam que sejam cursos especiais na escola especial. Eles me contaram, literalmente, que eu deveria me ver como uma corporação – notas boas aumentam as ações, notas ruins as diminuem. Lide com isso, filho, ou vá à falência!

/

Agora eu sou um *NEET*¹³ permanentemente depressivo e eles mal querem falar comigo. Tudo o que seus amigos normais podem conversar é como o Chad está fazendo pós-graduação ou como Sousanna ganha um bazilhão de dólares fazendo Coisas Muito Importantes. É como se seus carros super caros não fossem mais bons o suficiente para comparar tamanho de seus pênis, agora as crianças precisam preencher esse papel.

¹³ Traduz-se por "Not in Education, Employment, or Training" – Alguém que não se encontra em um ensino, emprego ou treinamento, estágio. Uma classificação utilizada por governos que caiu em uso popular.

2. CAPÍTULO 2

2.1 Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico

Como apresentado no capítulo 1.1 referente à metodologia, executa-se aqui o seguinte passo da metodologia fenomenológica de investigação em Psicologia, consistindo-se em transformar os trechos anteriores, divididos em unidades de significado, em descrições com significados psicológicos apresentados pelo pesquisador. Portanto, aqui se expõe o que se revela a partir dos textos, embasando-se em um referencial fenomenológico-hermenêutico de Martin Heidegger. Nesse momento, a prioridade consiste em descrever cada um dos relatos sem reformulá-los ou concluí-los, apontando o que se encontra implícito nos discursos e levantando pontos para a discussão posterior. Esse passo é apresentado em forma de tabela, à esquerda se encontram os trechos traduzidos pelo autor, à direita as descrições. As siglas P1 até P10 se referem a participantes, referidos como números pelo aspecto do anonimato.

Participante 1:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
Um bruxo é definido como um virgem de 30 anos. Alguns irão discutir sobre os padrões para um “verdadeiro bruxo”, mas o mínimo constitui em 30 anos e virgindade. Se você faz sexo, você é instantaneamente desqualificado de ser um bruxo. Esse é um simples, discreto salto.	Em um tópico destinado a debater sobre o que é ser um <i>Wizard</i> , P1 apresenta sua descrição enfatizando os dois pontos originais da definição, 30 anos e virgindade. Reconhece a ausência de um consenso sobre o que consideram um “verdadeiro” <i>wizard</i> , mas define um mínimo comum às opiniões. P1 reforça a importância da virgindade, concluindo que o ato sexual

	automaticamente impede alguém de ser um bruxo. Não há menção sobre circunstâncias ou justificativas para o ato, apenas a conclusão em causa e efeito.
--	---

Participante 2:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
<p>todas súcubos são normais</p> <p>todos os não virgens são normais</p> <p>todos os virgens que desejam sexo são normais</p> <p>todos que socializam ou desejam socializar são normais</p> <p>algumas outras coisas também. não consigo me incomodar pensando nelas, mas essencialmente qualquer coisa “não-wizard” ou proibida no <i>wizchan</i> eu considero normal ou pelo menos não desejável.</p>	<p>Também no tópico para discutir o que é um <i>wizard</i>, P2 contrapõe os <i>wizards</i> aos “normais”. Define então os <i>wizards</i> através da negação de comportamentos considerados normais. Em seu trecho, P2 aponta como não é suficiente que alguém apenas não se engaje em atividades consideradas normais, mas que desejar fazê-los também consiste em uma característica de um normal. P2 afirma que há mais outras coisas para classificar o que é um normal, mas que não terá o trabalho de lista-las. Utiliza o termo <i>unwizardly</i> para designar o que “não é dos <i>wizards</i>”, implicando assim que há coisas “<i>wizardlies</i>”. Refere às regras do website, assumindo o que é proibido como normal ou pelo menos não-desejável para P2.</p>
<p>eu não considero postar no <i>wizchan</i> como socialização. é mais como uma tarefa sagrada que todos os <i>wizards</i> devem fazer independentemente de sua apreciação por isso, porque não há mais</p>	<p>Para P2, participar do <i>wizchan</i> não é uma tarefa de socialização, pois se assim o fosse seria considerado algo feito pelos “normais”. Compara o acesso à comunidade a um ritual sagrado, em</p>

nenhum outro lugar para os <i>wizards</i>	que todos os <i>wizards</i> devem realizar, não importando o quanto apreciem. Diz ser necessário porque acredita que não há outro lugar para os bruxos.
---	---

Participante 3:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
Alguém mais sente como se tivesse perdido a habilidade para falar? Eu não consigo formular sentenças espontaneamente em tempo real como eu costumava fazer e quando eu sou forçado a me comunicar sempre sai não como eu gostaria que fosse e soando bem lento e maçante como se estivesse em privação de sono ou algo do tipo.	P3 inicia o tópico perguntando se mais alguém está em uma situação parecida, ou simpatiza com a mesma. Explica como não tem mais conseguido articular frases com a mesma rapidez que antes, suas falas saem lentas e maçantes. Aponta que isso acontece quando é forçado a se comunicar.
Eu entendo que é porque eu voluntariamente escolhi me isolar todos esses anos mas é ruim como eu não consigo nem devolver um comentário esperto quando estou batendo papo com meus próprios pais.	Na segunda parte do trecho, P3 explica que tem ciência da relação com sua dificuldade atual na fala e anos se isolando. O problema parece advir de quando ele é, como diz, forçado a se comunicar com os pais, e não consegue ter respostas rápidas e inteligentes.

Participante 4:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
Alguém mais quer apenas perder sua	P4 também inicia o tópico com uma

<p>mente um pouco antes do fim? Muitas pessoas têm medo de demência, mas eu vivi com ela em alguma forma pela maior parte da minha vida.</p>	<p>pergunta. O participante indica como tantas pessoas têm medo da demência, mas aponta familiaridade a ela, dizendo que conviveu com a mesma de alguma forma durante a maior parte da vida. Não esclarece de que forma se dá esse convívio.</p>
<p>Eu não quero mais lembrar de coisas que eu vi ou fiz. Caso se torne um borrão desarticulado de faces, palavras e atos então que seja. Se eu não puder separar realidade da ficção melhor ainda. Eu desejo ter tomado a pílula azul.</p>	<p>Continuando a sua publicação, P4 explica o que entende como demência. Tem o desejo de esquecer o que já viu ou fez, e vê como caminho para isso a demência. Afirma aceitar a possível condição de um “embaralhado de rostos, palavras e atos”, dizendo ainda preferir caso não consiga mais separar ficção de realidade. Termina com uma referência ao filme <i>Matrix</i>, em que a pílula vermelha representa a “dura verdade”, e a pílula azul a “mentira confortável”. Assim, P4 sugere que “tomou a pílula vermelha”, e se sente incomodado o suficiente para não querer mais lembrar do que experienciou.</p>

Participante 5:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
-------------------------	---------------------------------------

<p>Eles falam isso porque para eles depressão é sentir-se triste no final de semana e raramente dura mais que alguns dias.</p> <p>Eles não conseguem imaginar depressão perdurando por anos e pensam que assim como acontece com eles ela irá sair eventualmente</p>	<p>O trecho foi retirado de um tópico sobre suicídio. Alguns criticavam os esforços e conscientizações de prevenção do suicídio, “feita pelos normais”. P5 afirma que eles, os “normais”, vivenciam a depressão de maneira corriqueira, e que não podem imaginar maneiras mais severas de se vivê-la, durante anos. P5 diz que se “normais” vivenciassem a depressão dessa forma, não falaria as mesmas coisas sobre o suicídio.</p>
--	--

Participante 6:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
<p>Não só isso, mas eles tiveram enfiado em suas cabeças desde o nascimento que a vida é bonita e que vale a pena ser vivida. A maioria deles nunca experiência o que é estar no lado ruim dela pela totalidade de suas vidas.</p>	<p>P6 comenta que os “normais” tiveram, desde seus nascimentos, martelados em suas cabeças que a vida é bonita e que vale a pena ser vivida. Além disso, P6 afirma que a maioria dos “normais” nunca passam pela experiência de estar “no lado ruim” por boa parte da vida. Assume-se que esse lado ruim se refere principalmente à depressão, apontado no comentário anterior. P5 e P6 procuram com isso explicar que “normais” condenam o suicídio porque foram doutrinados a rejeitá-lo e porque não vivenciam os mesmos sofrimentos que os wizards.</p>

Participante 7:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
<p>Eu não entendo as motivações das pessoas para fazer até mesmo as tarefas mais simples. O que as pessoas querem realizar e o que as faz acreditarem que isso irá fazê-las felizes? Eu penso no melhor cenário possível e ainda assim não acredito que eu estaria contente.</p>	<p>P7 questiona como as pessoas se motivam a viver no dia-a-dia, sem fazer distinção entre “normais” e <i>wizards</i>. Para P7 não há o óbvio no cotidiano, e assume que ações são tomadas a fim de alcançar uma felicidade. Pensa na melhor das hipóteses, sem explicitar qual seria, mas diz que ainda assim não se vê contente.</p>
<p>Eu devo acordar de manhã? Por quê? Devo escovar meus dentes? Por quê? Devo tomar banho? Por quê? Devo comer de forma saudável? Por quê?</p>	<p>P7 continua fazendo uma série de questionamentos. “Por quê?”, pergunta várias vezes. Procura explicações que deem conta de abarcar sua grande dúvida sobre, como disse, as motivações para até as mais simples tarefas.</p>
<p>Eu não tenho resposta, nenhum propósito. O que torna as outras pessoas diferentes de nós, como eles podem ser felizes nesse mundo? NÃO HÁ NADA</p>	<p>Depois das perguntas, P7 afirma não haver resposta ou um propósito de vida. Então, pergunta o que faz “outras pessoas diferentes de nós”, retomando a questão à dicotomia “normais x wizards”. Enfatiza como os outros são capazes de serem felizes, em um mundo que, segundo P7, não há nada.</p>

Participante 8:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
<p>Se estiver falando da maior ideia do que é ser um <i>wizard</i> ao invés de apenas um virgem, então o aspecto social é provavelmente o mais importante. Ter a quantidade de interações na vida real (e</p>	<p>Ainda no tópico reservado à definições de <i>wizard</i>, P8 inicia sua extensa análise do que acredita ser um. P8, diferente de P1, não emprega somente as exigências “tradicionais”, da virgindade e dos 30</p>

<p>até mesmo online não-anônimas) em um mínimo é a própria recompensa.</p>	<p>anos. Afirma ainda que o aspecto social é mais importante: <i>wizards</i> devem interagir socialmente o mínimo possível. Esse mínimo não somente é a exigência mas também a própria recompensa.</p>
<p>Primeiro deixe me dizer que relacionamentos estão em todo lugar, são colegas de trabalho, trabalhadores em uma loja, as pessoas que sua família conhece, os seus vizinhos com quem você nunca conversa, e claro toda amizade do passado ou do futuro se aplicável. Por todo relacionamento que você forma, intencional ou não, você corre o risco de se envolver em suas vidas. No mínimo do possível, eles irão desenvolver uma percepção de você e isso pode se tornar em expectativas ou realidades que irão forçar em você. Além disso há a chance que eles irão pedir favores, tentarem conversar, talvez até tentar socializar. Quanto mais pessoas você conhece maior a responsabilidade e o fardo que você será sujeitado, nem que seja um pouco.</p>	<p>Neste trecho, P8 segue sua explicação para fundamentar por que considera a pouca interação recompensadora. Expõe uma visão mais ampliada de relacionamentos e interações. Segundo P8, com cada laço formado, independente das circunstâncias, há o risco de se envolver nas vidas de outras pessoas. No mínimo, as pessoas criam expectativas. A partir disso, aumentam as responsabilidades e fardos que colocam em você. Quanto maior o número de interações, maior o risco de ser demandado. A socialização, então, é ruim por levar a responsabilidades e envolvimento nas vidas das outras pessoas.</p>
<p>Isso é algo que eu sinto ser o ponto principal em o que é ser um bruxo, virgindade é só o requerimento, talvez até um efeito colateral desse tipo de estilo de vida que as pessoas chamam "wizard". Eu não acho que eu mudaria em nenhuma maneira se eu perdesse minha virgindade, mas não há razão ou</p>	<p>Continuando, P8 afirma o que considera o foco em "ser um wizard". Diferente de como a virgindade tem sido apresentada até então, como requerimento absoluto, ela aqui é cogitada não como causa ou requisito, mas como possível efeito de escolhas. Essas seriam escolhas de evitar as relações, e com isso a</p>

<p>incentivo para que eu o faça, estou certo que uma proporção razoável de pessoas aqui pensam o mesmo.</p>	<p>virgindade seria apenas mais um aspecto que constitui essa escolha. P8 chama esse estilo de vida “wizardry”. Além dessa outra visão da virgindade, P8 ainda afirma que não acredita que mudaria caso não fosse mais virgem. Porém, diz não haver razão ou incentivo para isso, acreditando que outros do website também pensam o mesmo, corroborando com a ideia de P2 de que wizards não desejam relações sexuais.</p>
<p>E para os normais escondidos lendo: mesmo se estiver se identificando com isso, não te isenta ser um normal lixo. Então vá para onde você pertence</p>	<p>Como último comentário, P8 escreve um alerta para os leitores “normais”. Após uma publicação que se diferencia de muitas outras no site, ao relativizar o requerimento da virgindade, P8 demonstra que esse pensamento não o faz leniente aos “normais”, pois mesmo que esses possam se identificar com o que foi escrito a respeito da socialização e virgindade, não os exclui de serem “lixos normais”. Afirma que esses devem se retirar para onde “pertencem”.</p>

Participante 9:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
<p>Como vocês lidam com a passagem do tempo? Toda vez que eu consigo felicidade o suficiente para me sentir normal, eu me lembro que estamos todos morrendo lentamente e perdendo o tempo precioso</p>	<p>P9 inicia seu tópico também com uma pergunta. Como lidar com a passagem do tempo? Para P9, a passagem do tempo implica em lembrar o ser-para-a-morte. Ter consciência desse destino inevitável o paralisa o suficiente para</p>

<p>que temos na Terra. Está chegando ao ponto em que eu mal consigo desfrutar de qualquer coisa. Como se pode esquecer que você está morrendo para poder apreciar a vida novamente?</p>	<p>não conseguir mais ter prazer em nada. Esclarece assim sua questão inicial, agora mais relacionada à finitude. P9 demonstra que “sentir-se feliz” e “sentir-se normal” estão juntos, e que essa felicidade só pode existir na medida em que se esquece da morte.</p>
---	---

Participante 10:

Unidades de Significado	Unidades de Significado Transformadas
<p>Eu odeio como as pessoas têm filhos como projetos hoje em dia. Um ou dois troféus customizados de artesanato para se mostrar e ostentar por aí. E se a criança fracassa apesar de todo o trabalho, eles a desprezam como se fosse um utensílio ou brinquedo quebrado.</p>	<p>P10 inicia o tópico criticando relações que pais têm com os filhos. Aponta como os filhos se tornam troféus para os pais, e que quando o filho “falha” apesar de todo trabalho investido, os pais o desprezam.</p>
<p>Meus pais me fizeram estudar vários tipos de coisas antes mesmo de eu entrar na escola. E então precisavam que fosse uma escola especial para o ensino médio. Depois precisavam que fossem cursos especiais na escola especial. Eles me contaram, literalmente, que eu deveria me ver como uma corporação – notas boas aumentam as ações, notas ruins as diminuem. Lide com isso, filho, ou vá à falência!</p>	<p>Em seguida, P10 descreve, então, a experiência pelo qual passou, tornando possível sua afirmação anterior. Diz como seus pais faziam questão de preparar o filho com as melhores escolas, aproximando isso à ideia de investimento, ou, como depois exemplifica por uma fala dos pais, ao mercado de bolsas de valores.</p>
<p>Agora eu sou um <i>NEET</i> permanentemente depressivo e eles mal querem falar comigo. Tudo o que seus</p>	<p>Então, P10 se coloca na condição que anteriormente descreveu como falha, ou pela analogia escolhida, “falido”. Diz ser</p>

<p>amigos normais podem conversar é como o Chad está fazendo pós-graduação ou como Sousanna ganha um bazilhão de dólares fazendo Coisas Muito Importantes. É como se seus carros super caros não fossem mais bons o suficiente para comparar com o tamanho de seus pênis, agora as crianças precisam preencher esse papel.</p>	<p>depressivo e permanentemente sem emprego ou educação. A fala reflete à situação que disse sobre desprezo dos pais quando ocorre a “falha”, afirmando que seus pais querem pouco falar com ele. Escreve que os amigos de seus pais também se comportam da maneira como critica, falando com os outros sobre as condições de sucesso dos filhos. Termina com o pensamento que, para P10, os carros foram ultrapassados como objetos de comparação e competição, sendo substituídos pelas crianças agora.</p>
--	---

Os trechos acima, todos retirados do *website* Wizchan.org, são faces do fenômeno estudado. O que se mostra e é tematizado aqui representa sempre uma parcialidade, há sempre o que escapa de uma suposta fiel representação. Portanto, deve-se estar ciente da pluralidade maior no que se refere ao conteúdo publicado no site. Mesmo que certas linhas de pensamento se repitam, como reveladas pelos trechos, não é possível, ou prudente, afirmar que tais pensamentos reflitam o que todos os usuários envolvidos vivem e sentem.

Ainda assim, não se pode cair em outra armadilha, que consiste em desmerecer o que está sendo produzido devido à relatividade. O trabalho não pretende a elaboração de um sistema capaz de abarcar o que é, afinal, ser um *wizard* e como esses vivem. De fato, sentidos de suas existências aparecem nos trechos aqui discutidos. No entanto, muitas vezes, esses sentidos são classificados e determinados prontamente – sejam pelos supostos *wizards* ou pelos supostos “normais”. Para tentar escapar de apenas mais um julgamento, sem concordar ou condenar o que é aqui exposto, para que se possa apreender esse fenômeno e, enfim, pensa-lo sem minimizá-lo, utiliza-se a psicologia fenomenológica como

método de investigação, pensada a partir dos estudos de Husserl, e apoiando-se em pensamentos de Heidegger para interpretar o que aparece.

2.2 *Dasein* e o horizonte histórico.

A fenomenologia surge como movimento filosófico a partir de obras de Edmund Husserl, com um duplo projeto: estabelecer novos princípios filosóficos para um paradigma científico e, paralelamente, apresentar um método adequado ao estudo dos processos mentais (GIORGI; SOUSA, 2010). Essa surge em meio a crises das ciências na Europa, como defende em seu livro *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Pela elaboração da fenomenologia, Husserl pretendia superar as epistemologias realistas e idealistas (FEIJOO; MATTAR, 2016). Dessa maneira, pretendia-se voltar às coisas elas mesmas, problematizando o que considerava psicologismos e o positivismo. A fenomenologia de Husserl foi de suma importância como contribuição para demais ramos que dela partiram, sejam eles hermenêuticos, psicológicos, existenciais... Heidegger, seu aluno, foi notório por trazer a fenomenologia à radicalidade da não-dicotômica relação entre “interno-externo”, não pressupondo nada anterior à relação ser-aí-no-mundo-com-o-mundo, afastando-se de algumas ideias de Husserl, como a consciência intencional¹⁴.

Martin Heidegger nasceu na cidade de Messkirch, Alemanha, em 1889. Estudou teologia e filosofia, abandonando a teologia em 1913 para dedicar-se apenas à filosofia. Em 1916, conheceu Husserl. A aproximação dos dois desenvolveu um interesse, em Heidegger, pela fenomenologia. Em 1927, Heidegger publicou sua obra *Ser e Tempo*, demarcando diversas diferenças entre a filosofia de seu mestre, Husserl, e sua própria. Heidegger propunha a “destruição da metafísica”, propondo um novo pensar sobre as questões do ser esquecidas pela filosofia ocidental. Assim, retoma-se a pergunta do que é o ser, ou melhor, qual o *sentido do ser*. Para isso, deve-se investigar o ente que desfruta de um primado na elaboração da questão do ser, o ente capaz de tematizar e questionar acerca do ser

¹⁴ Para Husserl, a consciência é sempre consciência de algo, para alguma coisa. A noção de intencionalidade é central na sua fenomenologia.

das coisas: o homem. Mais especificamente, Heidegger elabora a analítica do *dasein*, o modo de ser do homem.

Dasein é uma palavra composta pelo verbo “ser” (*sein*) e pelo advérbio “aí” (*da*). Em acepção existencial-ontológica, o *Dasein* é ente cuja a essência pertence o ser; que existe (é) enquanto *aí* – no aberto, em abertura para o Ser. Essa é a condição ontológica do homem como *Dasein*, como ser-o-aí. (GIACCOIA JR., 2013).

O ser-aí é lançado ao mundo como “clareira do ser”, podendo apreender o que vem ao seu encontro. O ser do homem, então, mantém uma relação essencial com o ser. Ao ler “ser do homem”, porém, esse não deve ser confundido com uma essência determinante – pelo contrário, é justamente uma abertura às coisas e possibilidades junto ao mundo. Por isso, é descrito como *ser-aí*, por não “estar no mundo” nem “ter mundo” (no sentido de consciência e internalidade), mas reciprocamente “com ele” está aí no mundo, não existindo então uma anterioridade na relação. Dessa maneira, entender o horizonte histórico da humanidade, os sentidos que estão a todo momento em relação com as nossas existências, é uma tarefa imprescindível para a investigação aqui feita.

Faz-se necessário expor o pensamento de Martin Heidegger sobre o nosso contexto atual, nitidamente marcado pela técnica. Essa necessidade é vital não só para um melhor entendimento do fenômeno dos *wizards*, aqui estudado, mas também para que possamos compreender que esse não surge como fato isolado ou por acaso – está intimamente relacionado às questões e apelos da época, que interpelam nos modos de vidas não somente dos bruxos, mas de todos afetados, direta ou indiretamente, pelo modo de como tem se dado a sociedade ocidental.

Para essa exposição é utilizado o texto *Serenidade*, como traduzido em português. O texto é a transcrição de uma palestra, feita por Heidegger, durante um memorial de celebração dos 175 anos do nascimento do compositor alemão Conradin Kreutzer. Vale lembrar que o texto, escrito na década de 50 do século passado, ainda mantém sua atualidade de forma surpreendente. Durante sua fala, Heidegger reflete sobre os dois pensamentos, calculante e meditante, o (des)enraizamento, o perigo da era atômica e por fim propõe um modo de se relacionar a essa situação. O pensador não procura uma condenação da técnica,

pelo contrário, reconhece o seu papel crescente e indispensável no cotidiano. No entanto, denuncia a possibilidade de nos confundirmos com a mesma, de nos tornarmos escravos da técnica.

Para Heidegger (1959), a “ausência-de-pensamentos” é uma ocorrência comum no nosso cotidiano, facilmente encontrada inclusive para os que pensam por dever profissional. Ou seja, diferente do que poderíamos pensar, em que o crescimento absoluto de pesquisas, invenções e investimentos em tecnologias não permitiriam uma fuga-de-pensamentos, isso não é o que ocorre. Isso porque Heidegger denomina esse modo de pensar como o pensamento que calcula (*das rechnende Denken*), que, por sua vez, é diferente do pensamento que medita (*ein besinnliches Denken*).

O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca para, nunca chega a pensamento meditar. O que calcula não é um pensamento que medita, não é um pensamento que reflete sobre o sentido que reina em tudo o que existe. (HEIDEGGER, 1959, pg.13)

Dessa maneira, assim Heidegger explica o pensamento predominante na era moderna, o pensamento **calculante**, que planeja, antecipa resultados, sem necessariamente dispor de números ou ferramentas específicas. Portanto, não é um pensamento específico para certas tarefas numéricas. Pelo contrário, é um modo de acesso e relação com a natureza, ao mundo, que se torna por demais frequente de acordo com o nosso horizonte histórico. O pensamento **meditante** se mostra de maneira diferente. Trata-se, principalmente, de uma reflexão – algo que também requer considerável esforço. Pensar os sentidos do que se mostra, do que fazemos, para quê, têm perdido espaço para o pensamento da eficácia, de como melhor fazê-lo, seguindo planos. Entretanto, não é a pretensão de Heidegger estabelecer uma hierarquia, ou uma transformação, jamais uma “extinção” do pensamento calculante e uma volta do meditante. Esses são dois modos possíveis de se estar em relação com o mundo, ambos legítimos e necessários, pois mesmo no que foi considerado fuga-de-pensamento, o homem não renuncia à sua capacidade de pensar. (HEIDEGGER, 1959)

O filósofo aponta para o momento histórico em que se dá a conferência, marcado pelas novas descobertas e utilizações da energia atômica, chamando-o

então de era atômica. Com os avanços das tecnologias, as possibilidades de extração e utilização de materiais e energia da natureza, nos seus mais diversos contextos, crescem consideravelmente. Para Heidegger (1959), a natureza transforma-se num posto de abastecimento gigantesco, numa fonte de energia para a técnica e indústria modernas. O pensamento calculante então reina, e o mundo se torna algo a ser medido, aprimorado, extraído e conhecido para então se tornar **previsível**. Essa forma de estar em relação com a natureza produz as grandes novidades tecnológicas e muitos interesses pelos homens, sem, no entanto, que esses reflitam, meditem sobre o que está acontecendo, sobre como isso se dá. Heidegger não pretende uma negação à técnica, mas uma meditação acerca do que está se desvelando no horizonte histórico.

Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objetos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos que nos tornamos seus escravos. (HEIDEGGER, 1959, pg.23)

O pensador reflete, logo, sobre o perigo do aprisionamento pela técnica. O domínio do pensamento calculante na era atômica sobre o pensamento meditativo acarreta no perigo do homem se confundir com a técnica, esquecendo-se de sua característica própria como um ente que reflete. Por conta dessa “ausência-de-pensamentos”, da não-reflexão, Heidegger (1959) afirma que o mais inquietante não é apenas o homem estar cada vez mais técnico, mas o homem não estar preparado para tal transformação de mundo, pois sem meditar não consegue lidar adequadamente com o que está a emergir. Como alternativa a essa situação, Heidegger sugere o modo da **serenidade** para relação com a técnica, em que se pode dizer sim e não. É a possibilidade de se relacionar com esse contexto, com a técnica, sem estar a mercê da mesma, estando mais livre. Utiliza-se os objetos, recursos, que definitivamente estão presentes em nossa vida, mas também não se confunde com eles, não se permite que esses se tornem os fatores de nossas existências. A atitude da serenidade permite que os objetos possam entrar no nosso cotidiano sem que esses se tornem absolutos. Essa atitude seria imprescindivelmente de uma abertura ao mistério, em que nos mantemos abertos ao sentido oculto do mundo técnico, sentido que rege as transformações profundas do

Homem com a natureza. Dessa maneira pode provir a reflexão e uma relação mais livre e aberta com o mundo técnico.

Essa exposição breve acerca do horizonte histórico, como apresentado por Heidegger em *Serenidade*, serve-nos de muito material para nos auxiliar na compreensão do momento em que vivemos. Evidentemente, entender as relações que se dão no contemporâneo é algo que requer um extenso, ininterrupto esforço. Mesmo que se tenha como objetivo a apreensão do modo como vivemos, sempre há o que escapa a essa pretensão de fechamento. Ainda assim, é possível trazer para o nosso cotidiano o que Heidegger já falava para seus ouvintes na conferência aqui trabalhada. A natureza como fundo de reserva não é apenas um modo específico de se lidar com a natureza, mas revela também uma maneira possível de inter-relações, em que o que se espera do outro deve ser útil, previsível, extraído. A fuga-de-pensamento parece se tornar mais clara à medida que os nossos avanços tecnológicos se tornam cada vez mais presentes e insubstituíveis, poucas vezes acompanhados de meditações sobre tal fato. Uma caricatura frequentemente utilizada para representar essa cena se dá no uso dos celulares e computadores, cada vez mais acessíveis e multifuncionais. Ainda em 1976, Medard Boss escrevia sobre um paradoxo que, com o passar das décadas, parece ter ficado cada vez mais nítido:

O paradoxo consiste em que, de um lado, em consequência da explosão demográfica e do crescimento de todos os meios técnicos (avião, telefone, meios de comunicação em massa, etc.) colocados a sua disposição, os homens estão cada vez mais próximos, entre si geográfica e fisicamente; [...] Por outro lado, inegavelmente os homens também não cessam de afastar-se existencialmente uns dos outros e de se tornarem estranhos entre si. No meio das massas humanas de nossas grandes cidades a maior parte dos homens sentem-se cada vez mais isolados e separados de seus semelhantes. (BOSS, 1976, pg. 29)

2.3 Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos

2.3.1 Identidade e comum-pertencimento

Um aspecto comum que foi observado nos trechos foi a constante rejeição pelo que os usuários consideram como a normalidade. Valores, comportamentos, o que for considerado normal é algo indesejável. Como exposto no primeiro capítulo, a

definição primeira de wizard nasce com duas condições básicas, sem nenhuma determinação sobre modos de pensar ou de existir. Porém, aqui, nos trechos retirados de wizchan, ser um wizard se revela como uma proposta de valores, posições. Esse posicionamento, porém, frequentemente se apoia em ir contra o que é o normal. Isso pode ser observado claramente no texto de P2: ser um bruxo depende de não ser um normal. Ironicamente, essa relação aparentemente dicotômica entre bruxo-normal se mostra uma ligação forte. De uma forma geral, os bruxos pretendem se desligar, separar-se do mundo normal. No entanto, a tematização sobre esse suposto outro mundo é constante. Não só por um ponto quantitativo, contabilizando a recorrência do assunto, mas pela própria necessidade de se delimitar o que é o normal para que possam afirmar suas supostas identidades.

Essa busca por uma identidade própria é um tema também comum entre os tópicos criados na comunidade. Pensar a identidade no senso comum é pensar em rigidez, entes constantes, unidade de classificação. Isso se deve a fatores como a tradição da metafísica ocidental, além da própria Psicologia e suas influências a partir de teorias da personalidade, levando a uma forma corriqueira de se pensar o si próprio como uniformidade. Assim, muitos dos usuários esperam que um ser-wizard seja também uma consistência, obedecendo aos pré-requisitos da definição e também a modos de lidar com as coisas - afinal, como no relato de P2, não basta não realizar algo normal, deve-se evitá-lo, indesejá-lo.

Heidegger, porém, problematiza essa noção de identidade. No texto *Identidade e Diferença*, o filósofo explicita a fórmula corrente da identidade, “ $A = A$ ”. A fórmula diz respeito a uma igualdade, em que são necessários no mínimo dois elementos idênticos. Porém, Heidegger remonta ao idêntico designado em grego por *tò autó*, significando “o mesmo”. Assim, não há necessidade de um segundo termo para expressão da identidade: logo, a fórmula não diz respeito a uma identidade, mas igualdade. A expressão corrigida se torna então “ $A \text{ é } A$ ”, em que “consigo mesmo é cada A ele mesmo o mesmo”. Cada identidade comporta uma relação “com”, união numa unidade. Heidegger procede expondo como desde a época do idealismo especulativo (por Leibniz e Kant), a unidade da identidade é pensada como monótona uniformidade, esquecendo-se da relação “com” que impera na

unidade. Dessa maneira, a unidade da identidade é um traço fundamental do ser do ente. Esse é, para Heidegger, o pensamento corrente da tradição ocidental-europeia.

Trazendo o pensamento para o plano ôntico, ou seja, dos entes, isso se exemplifica na visão comum sobre personalidades, interiores, essências: cada pessoa seria portadora de um conjunto específico de ideias, tendências, disposições, comportamentos, enfim, todos operadores do modo de viver do indivíduo. Falas, atitudes, tudo se torna efeito de causas pertencentes às existências, basta investigarmos as causas para podermos compreender cada um. E, nos momentos em que atitudes não correspondem exatamente pelo que se espera da personalidade, conclui-se um defeito, uma exceção. P7 pergunta o que há de diferente em “nós”, referindo-se aos usuários do site, os autoproclamados *wizards*. Pressupõe-se assim a noção de defeito: os usuários possuem algo de errado, sendo isso responsável pelas suas não-adequações à rotina considerada normal, ao esquecimento da morte. Esse é um pensamento não exclusivo aos bruxos, pelo contrário: como Heidegger expõe, é o mais comum na tradição ocidental. Porém, o objetivo do filósofo é justamente desconstruir essa concepção.

Para isso, ainda no texto *Identidade e diferença*, o pensador volta a uma proposição de Parmênides: “O mesmo, pois, tanto é apreender (pensar) como também ser”. Dessa maneira, pensar e ser são o mesmo, não há o pensar sem o ser, nem o ser sem o pensar: co-pertencem, formam uma unidade, mas não são um mesmo. Esse mesmo é denominado por Heidegger como *Zusammengehörigkeit*, traduzido como **comum-pertencer**. Isso se refere a uma visão contrária à apresentada anteriormente: o ser faz parte da identidade, e não o contrário.

Na reciprocidade dissipa-se a leitura estática do que seria a identidade, diferenciando-se o que se pensa como identidade em Parmênides e na tradição metafísica. Para entender, Heidegger aproxima a discussão ao comum-pertencer. De forma inicial, pensando o **comum-pertencer** com ênfase na primeira parte, o pertencimento surge a partir da comunidade, do comum, da unidade. É o modo corriqueiro de se pensar a expressão: primeiro viria a comunidade, as junções, aproximações, para depois se desenvolver o pertencimento. Entretanto, Heidegger

também aponta para outra possível interpretação da palavra: comum-**pertencer**, pensando a comunidade como determinada a partir do pertencimento.

Homem e ser estão entregues reciprocamente um ao outro como propriedade. Pertencem um ao outro. Deste pertencer-se reciprocamente homem e ser receberam, antes de tudo, aquelas determinações de sua essência, nas quais foram compreendidas metafisicamente pela filosofia. (HEIDEGGER, 1978, pg. 44)

Para explicar o pertencimento, Heidegger aponta para a relação do homem e ser. O homem é propriamente relação de correspondência, aberto ao ser, que por sua vez apresenta ao homem. Esse apresentar requer o aberto do homem, entregue a tal como propriedade. O *dasein* apreende tal apresentação. De tal forma, o homem está entregue como propriedade ao ser, o ser é a apropriado ao homem. O pertencer, então, é originário, por ele homem e ser formam a unidade, por ele há a comunidade, pelo comum-pertencer pode ocorrer o desvelamento dos entes. Se antes da identidade, como anteriormente pensada, já há o pertencer, a identidade como ente não pode ser da mesma maneira que a tradição a designa, como “monótona uniformidade”.

O que isso pode nos trazer para a discussão dos *wizards*? Dois pontos principais podem ser levantados. O primeiro se refere à busca por uma identidade, como mencionado acima. Essa busca, mais uma vez, não exclusiva a esse grupo, apesar de almejar uma uniformidade, também pode ser observada com fluidez. O pertencer, zelar por, determinando a comunidade que lhe é própria, o comum, implica que não há grupos por determinações de identidade a priori. Pelo contrário, o que se entende como identidade muitas vezes pode ser construído a partir do comum, da comunidade. Isso é explicitado por trechos de participantes como P1 e P8, em que suas falas não só tentam definir passivamente o que é *ser um wizard*, mas ativamente participam da ideia do que é vivido como *ser um wizard*. Não se deve, então, evitar a todo custo pensar, discutir, sobre o que então se é. Pelo contrário, a meditação, a problematização, a troca de vivências, o que ocorre na comunidade (e fora dela) podem ser de grande importância. Porém, atenta-se ao perigo de aprisionar-se enquanto busca por uma conceituação perfeita:

Não sendo o si-mesmo um verdadeiro *self*, não há oposições em relação a falsos *selfs*. Não há nenhum verdadeiro *self* a ser alcançado, ser si-mesmo

em um sentido próprio ou impróprio diz apenas ao grau de aprisionamento ou liberdade em relação às nossas identificações. (SÁ, 2015, pg. 52)

Em especial, no caso dos chamados bruxos, esse aprisionamento pode se dar na medida em que se rejeite o normal a todo custo. Se “ser normal”, mesmo não havendo algum consenso sobre o que isso significa afinal, é inadmissível, então “ser bruxo” seria a única opção. Assim, corre-se o risco de mergulhar mais e mais fundo na temática do que é um *wizard*, o que esse representa, o que não fazer, por fim de se preservar a suposta identidade de bruxo. Ao mesmo tempo, a questão do isolamento acaba por ser mais e mais tematizado, sendo visto então como uma característica essencial de um bruxo – como acredita P8. A distância dos supostos bruxos e “normais” aparece em diversos relatos, seja por extensas generalizações como em P5 e P6, incompatibilidades entre modos de viver, como em P3, P4 e P9, ou ainda servindo de objetivo, em P8. Porém, outro pensador da fenomenologia, Medard Boss, pode nos ajudar a ver essa solidão dos bruxos de outra maneira:

Deste modo só há solidão a partir de uma comunidade à qual o homem se encontra destinado por sua própria essência, pois originalmente ele é com os outros, diante das mesmas coisas de um mesmo mundo comum. (BOSS, 1976, pg. 25)

Boss se refere ao **comum-pertencer** explicitado anteriormente. Esse pertencimento originário, ser com os outros, já torna o homem sempre em relação com um comum. A comunidade está sempre em relação com o homem, inclusive onde se acredita em uma solidão (entendida no senso comum como falta de relações), pois a ausência é um modo de presença. Lembrando-se da apresentação do ser ao homem, da relação originária homem-ser, do comum-pertencimento, não é surpresa que o homem está de fato em relação com o ente que se encontra na ausência. Boss assim o demonstra através do exemplo do luto àquele que morre: sua ausência física inegável não determina o fim das relações, pelo contrário, por vezes a proximidade do mesmo se torna mais intensa do que nunca, mesmo quando estava vivo.

Portanto, a solidão é uma forma de comunidade, é uma forma do ser-com. Assim como apresentado por Heidegger em *Serenidade*, discutido no trabalho no item 2.3, da mesma maneira que o homem pode estar em fuga-de-pensamentos justamente devido à sua capacidade de pensar originária, o homem experiencia

solidão a partir de uma comunidade a qual originalmente se destina, pois é com os outros, diante das mesmas coisas de um mesmo mundo comum (BOSS, 1976).

É possível, então, problematizar essa distância entre “bruxos e normais”. A suposta rejeição dos *wizards* pelos “normais” não necessariamente o tornam tão distantes. O que os usuários do site referem como “normais” são frequentemente tematizados, investigados, são alvos de teorias, determinações, indagações. Mesmo que, às vezes na ausência, os “normais” estão próximos. Não só no sentido de “pessoas normais” se refere aqui como próximos: a própria cotidianidade, impessoalidade, “normalidade” está próxima à vida dos supostos *wizards*. Assim, mesmo que almejem uma desvinculação da impessoalidade do “normal”, buscando uma elevação que desconsidere o cotidiano que problematizam, o impessoal permanece presente, como será tratado no próximo item.

2.3.2 O impessoal e a morte

Há, em diversas discussões do website, críticas aos comportamentos denominados pelos usuários como normais, aqui evidenciados principalmente pelo trecho de P10. Outros se incomodam por não entenderem o que sustenta as tarefas que considera mais simples do cotidiano, como P7. P5 e P6 apontam para os supostos normais como existências iludidas pela felicidade, de terem privilégios em não sofrerem as mesmas tristezas, acarretando no fim em uma problemática empatia com os sentimentos de depressão. Para P9, o cotidiano já não é mais suportável, pois não consegue “esquecer a morte”. Em P8, torna-se mais clara a proposta de um descolamento do impessoal. Analisando-se a última frase de P4, em referência às pílulas azul e vermelha, torna-se clara a crença do usuário na posição de (desconfortável) destaque e “iluminação”. *Wizards*, dessa forma, seriam aqueles capazes de finalmente se ver livres do mediano, das normas e das demais ideologias históricas que tanto “perfuram” as cabeças dos supostos normais. Pelas consequentes realizações acerca das invisíveis subjetividades nos modos de relações atuais, os bruxos estariam em uma posição de afastamento, sendo capazes de diagnosticar o que os normais não problematizam. Seria essa então a magia dos magos? Heidegger nos mostra que não.

Alguns usuários, esforçando-se para não caírem em uma armadilha, não se atentam a outras. O impessoal, trabalhado por Heidegger em *Ser e Tempo*, se mostra uma estrutura ontológica, originária do *dasein*. Isso quer dizer: não se consegue simplesmente remover esse aspecto de nossa existência cotidiana. Entende-se a impessoalidade não como alguma forma patológica de ser-no-mundo, mas como possibilidade, sem atribuir-se juízos de valores. Estar mais apropriado desse existencial não o elimina, mas torna possível uma relação de maior liberdade. Certamente, há os que se perdem na impessoalidade, no mesmo, na previsibilidade e controle, e qualquer quebra dessa situação instaura a angústia do não-dado.

Heidegger denomina essa dinâmica vigente na cotidianidade como o impessoal (Das Man, substantivação do pronome impessoal): falamos cotidianamente como impessoalmente se fala, nos comportamos em cada situação como as pessoas devem se comportar, somos diferentes e originais como se deve ser e até criticamos a impessoalidade da vida cotidiana como todo mundo critica. Quanto maior a falta de estranhamento e surpresa, mesmo quando a curiosidade e a novidade são exaltadas, mais a impessoalidade domina a existência cotidiana. (NOVAES, 2015, pg.50)

A tentativa de fuga desse existencial resulta ainda em uma reprodução do mesmo, mas por outras faces. “Vive-se a bruxaria como um bruxo deve viver”. A própria configuração do website, em que as publicações são todas anônimas, acaba por contribuir para esse modo da impessoalidade. Deve-se falar o que é de acordo com o que está estabelecido pelas regras, do que é esperado de um *wizard*. Não é surpreendente, então, que logo um cotidiano impróprio seja estabelecido em contraponto ao que tentam se desvincular. O funcionamento do *website* e sua comunidade não determinam a relação do seu usuário com o mesmo, portanto mesmo que, supostamente, um sistema absolutamente incentivador da auto-apropriação da vida de seus usuários esteja em jogo, não há garantias sobre as relações de seus usuários com esse. Ainda assim, atenta-se que o contexto fornecido pelo *wizchan* acaba por favorecer o que seus usuários têm como proposta a evitação.

Ao mesmo tempo, outra concepção consiste em atribuir à impessoalidade, ao “cotidiano normal”, considerados assim pelos usuários, como ingênua felicidade. P4 implica que, segundo ele, tomou o caminho da verdade e o sofrimento, mas que os “normais” prosseguiram para a mentira feliz. Arrepende-se, considera que, não havendo mais jeito para reverter a decisão, espera por uma grande “demência” que

a faça esquecer desse caminho tomado. Por trás do que se mostra em P5 e P6, infere-se que os modos de ser dos “normais” são banhados em “felicidade”, ou, no mínimo, que foram levados a crer nela. Não são capazes de compreender os sofrimentos dos *wizards* porque não sofrem como eles. Sofrimento, talvez, como se apresenta nos trechos de P7 e P9.

P7 não enxerga mais sentido no dia-a-dia, a ausência de respostas que o satisfaçam, para suas várias perguntas, o incomoda. “Por quê?”, repete P7. Em sua fala se repara, algumas vezes, a questão da felicidade novamente aparecendo. O cotidiano é posto como um meio à felicidade. P7 imagina a si mesmo seguindo esse meio, seja em seu referencial ou de outros, mas não consegue se enxergar como contente ao fazê-lo. Logo, conclui que há algo de errado em si mesmo, ou melhor, em “nós”, procurando representar a comunidade em que participa e seus sofrimentos. Portanto, para P7, há uma lógica na jornada para a felicidade, mas que, para ele, é incompreensível. Sem conseguir entendê-la, sem “resposta” ou “propósito”, a razão está em grandes diferenças entre eles, os normais, e nós, os bruxos.

Curiosamente, P9 diz: “[...]consigo felicidade o suficiente para me sentir normal[...]”. A felicidade é vista aqui como um pré-requisito para o que considera normalidade. E, além dessa precedência, há algo anterior: o esquecimento da morte. Para P9, a finitude é angustiante a ponto que não consegue mais desfrutar das coisas. Como se fosse uma sequência, Esquecimento da morte > Felicidade > Normalidade, P9 está preso à constante lembrança do seu limitado tempo, fazendo com que, também como P7, perca o sentido de sua vida cotidiana. Talvez por seus horizontes de sentido já não comportarem mais uma simples e pronta adoção do que consideram um cotidiano normal, evidentemente possuem dificuldade em seguir o suposto caminho da “felicidade” e “normalidade”. O relato de P9 nos leva a outro ponto importante para a obra de Heidegger: a relação do homem com a morte no impessoal.

Ser-o-aí, desde sempre, é projeto, poder ser, possibilidade de ser. Por isso mesmo, é também possibilidade de não ser, em dois sentidos. [...] Como ser-no-mundo temporal e finito, o ser-o-aí é constitutivamente (isto é, ontologicamente) ser-para-a-morte: abertura existencial para a possibilidade de não ser, ente que se compreende como tal. (GIACOLA JR., 2013, pg. 81)

A morte é a possibilidade mais própria, insuperável, do ser-aí, ou, como apontado na citação acima, do ser-para-a-morte. Entretanto, é também uma das possibilidades mais angustiantes, difíceis de serem tematizadas. Afinal, descrevendo o *dasein* como o próprio poder-ser, como a apreensão das possibilidades, a morte pode ser pensada como a impossibilidade dessa apreensão, da existência. A morte, segundo Heidegger (2006), é a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável. Por não ser só mais uma possibilidade, a realização de P9 para seu ser-para-a-morte interfere diretamente em toda sua existência. O usuário diz não poder aproveitar mais quase nada na vida. Essa situação é uma evidência de como a abertura para, ou a tematização da finitude, não implica em uma superação. A morte é um fato que pode ser lidado de maneira mais ou menos apropriada, mas o ser-aí do homem ainda permanece entregue a ela como destino.

O teor público da convivência cotidiana "conhece" a morte como uma ocorrência que sempre vem ao encontro, ou seja, como "casos de morte". Esse ou aquele, próximo ou distante, "morre". Desconhecidos "morrem" todo dia, toda hora. "A morte" vem ao encontro como um acontecimento conhecido, que ocorre dentro do mundo. Como tal, ela permanece na não surpresa característica de tudo aquilo que vem ao encontro na cotidianidade. O impessoal também já assegurou uma interpretação para esse acontecimento. A fala pronunciada ou, no mais das vezes, "fugida" sobre a morte diz o seguinte: algum dia, por fim, também se morre, mas, de imediato, não se é atingido pela morte. (HEIDEGGER, 2006, pg.328)

O impessoal, como discutido no item 2.4.2, é uma disposição afetiva originária do *dasein*, do modo de ser do homem. No cotidiano do impessoal, a morte é vista como um acontecimento geral: "morre-se". Ao mesmo tempo em que se conhece, "todos morrem", ainda se acredita que, de alguma maneira, não se morre. A vivência do cotidiano acaba como um testemunho da morte que ainda não veio. Essa vivência que, no impessoal, despersonaliza a morte, pode ter sido substituída pela expectativa da mesma, para P9.

A pergunta feita por P9 é: "como esquecer que você está morrendo para aproveitar a vida novamente?" Tal pergunta pode inferir algumas coisas, entre elas: "só se aproveita a vida esquecendo a morte." Para Heidegger (2006), no impessoal, público, o "pensar na morte" já é algo problemático, uma fuga, insegurança, pois o impessoal não permite a coragem de se assumir a angústia com a morte. Com essa

alienação tranquilizadora, essa possibilidade “mais própria, irremissível e insuperável” se torna a morte do “impessoal”, do qualquer um e ao mesmo tempo ninguém, um infortúnio a ser evitado.

Tematizar essa possibilidade não é algo necessariamente angustiante, mas tentar resolvê-la pode ser paralisador. Enquanto permanecer o pensamento do fim como algo inviabilizador da experiência de viver, certamente uma dificuldade em apreciar as coisas ainda estará em jogo. Por causa da morte pode-se viver, pode-se atribuir e viver sentidos, e não “apesar” dela. Para Sá (2016), superar o sofrimento não é se livrar dele, é habitá-lo. A angústia, justamente vista como sofrimento a ser evitado a todo custo, mantém aberta a possibilidade de uma experiência mais apropriada da finitude do *dasein*. Portanto, é possível conceber e suportar a morte como possibilidade e destino de maneira apropriada, permitir a possibilidade da impossibilidade da existência.

2.3.3 As relações e a técnica

Como sustentado por esse trabalho, é problemático pensar o que aparece pelos trechos dos *wizards* como exclusividade dos mesmos, como problemas isolados. Rechaçar suas falas como sem importância vai contra os propósitos da investigação realizada. Afinal, mesmo que por vezes tenha se exposto aqui incoerências ou problematizações em seus posicionamentos, isso não significa que seus discursos devam ser automaticamente rechaçados, infantilizados, ignorados. Pelo contrário, por fazerem um esforço em se separar do que é “normal”, segundo o que muitos acreditam, talvez suas colocações reflitam pontos de vistas mais interessantes para análises, seja de quem ou do que falam. Muito além de pensar em certo ou errado, são oportunidades para reflexões. É possível encontrar no *website* comentários que botam em questão muitos aspectos do cotidiano, às vezes de forma mais explícita, outras mais implícitas. Nos trechos coletados, destaca-se o depoimento de P10.

P10 expressa sua experiência pessoal como um filho no contemporâneo, seu incômodo é visivelmente claro à medida que critica o posicionamento dos seus pais e outros. O relacionamento de P10 com seus pais, ainda que singular, pode

denunciar uma maneira possível de relação, que pode ser encontrada mais frequentemente na “era da técnica”.

Para perceber o paralelo entre os escritos de Heidegger sobre a técnica e o relato de P10 sobre os pais, deve-se voltar ao item 2.2, em que são expostos, através da conferência intitulada Serenidade, alguns pontos sobre a era moderna e sua relação com a técnica. Também, para complementação do tema, utiliza-se aqui como referência o texto A questão da técnica, também de Martin Heidegger, advindo de uma conferência em 1953. Nesse, o filósofo investiga a técnica e a essência da técnica.

Ainda seguindo o método fenomenológico de pesquisa em psicologia, desvia-se aqui de uma possível questão acerca da veracidade sobre o relato de P10. Não é do nosso interesse, nesse contexto, investigar se o participante viveu a experiência de maneira coerente ao modo como conta, ou se realmente viveu aquilo. Considera-se aqui mais importante ir de encontro com sua fala e trabalhar com o que ela pode revelar de uma relação possível, sem defender ou acusar algum lado.

No texto Serenidade, como apresentado anteriormente, Heidegger aponta a relação do homem com a natureza na maneira de fundo de reserva, como extração do que é útil, previamente medido, calculado. Tal relação não aparece subitamente e nem ao acaso – as ambições tecnológicas aumentam a cada vez, e como Heidegger (1959) demonstra, a pergunta sobre a possibilidade de se utilizar a energia atômica é substituída pela pergunta de como isso ocorrerá. Um marco de sua época, a inovadora utilização da energia nuclear, não apenas reflete o avanço científico, mas a capacidade de se superar barreiras e construir novos modos de extração de energia. Torna-se claro que pouca é a chance de se ter alcançado o limite em extração energética. Portanto, tais avanços consolidam mais ainda esse modo de ser-com junto à natureza.

O mundo aparece agora como um objeto sobre o qual o pensamento que calcula investe, nada mais devendo poder resistir aos seus ataques. A Natureza transforma-se num único posto de abastecimento gigantesco, numa fonte de energia para a técnica e indústria modernas. (HEIDEGGER, 1959, pg. 18)

Não somente se realiza a extração, mas a utilização e o armazenamento também entram em jogo, como demonstra Heidegger em A questão da técnica:

É um extrair na medida em que explora e destaca. Este extrair, contudo, permanece previamente disposto a exigir outra coisa, isto é, impelir adiante para o máximo de proveito, a partir do mínimo de despesas. O carvão extraído da reserva mineral não é posto para que esteja, apenas em geral e em qualquer lugar, à mão. Ele é armazenado, isto é, posto para a encomenda do calor solar que nele está estocado. O calor solar é extraído para o calor que está encomendado para gerar vapor, cuja pressão impele a engrenagem por meio da qual a fábrica permanece operando. (HEIDEGGER, 2007, pg. 382)

Apesar do exemplo do carvão parecer distante do exemplo exposto por P10, sobre seus pais, as duas situações falam do mesmo: da maneira técnica do homem com o mundo. Segundo Heidegger (1959), essa relação fundamentalmente técnica surgiu no século XVII na Europa. Uma investigação histórica, então, revela a não-naturalidade desta maneira de estar-no-mundo. Ou seja, quando se diz não-natural, explicita-se como esse não é um fato que sempre existiu. Da mesma maneira, as relações pais-e-filhos também passaram por diversas mudanças, entre vários povos e contextos históricos. Porém, a maneira como P10 escreve sobre seus pais, e outros pais em geral, se aproxima com a maneira técnica do homem para a natureza, e isso não é uma mera coincidência. Deve-se pensar que essa maneira de estar-com não é exclusiva para a natureza, mas corresponde a uma maneira possível com tudo que existe.

Entender os filhos como, também, recursos, investimentos, está relacionado com essa transformação do homem e das ciências. Porque as coisas do mundo passam a ser calculadas, exatas, passíveis de previsões e correções, é que tal relação pode se concretizar. O empenho necessário para a extração e armazenamento anda junto à representação do mundo como calculável. O próprio homem não escapa dessa visão – especialmente hoje, não é difícil encontrar tutoriais, de diversas maneiras, em como “aproveitar ao máximo” a vida, as relações, etc. Profissionais de todos os campos possíveis passam a vender seus conhecimentos para supostas melhores estratégias, mais eficácia, maior

aproveitamento, e tais métodos são consumidos e demandados pela população. Como P10 relata, a escola, os cursos, era preciso que tudo fosse especial, do melhor, o mais eficaz. A frase com que o participante inicia sua publicação expressa seu desgosto por como pessoas tratam os filhos como “projetos”. Mais uma vez, conceber filhos como projetos é uma possibilidade em meio a um horizonte histórico em que se procura ao máximo quantificar, extrair, calcular.

Ainda em sua fala, P10 critica uma interação entre pais de comparações dos filhos, sugerindo que os filhos agora substituem o que antes era realizado por carros. O consumismo e os valores como status também entram em jogo nessa cena. Porém, não se trata de um julgamento de como “os pais de P10” agem, mas uma tematização acerca de algo que faz sentido no nosso contexto. Como já demonstrado, *wizards* também em outras situações criticam o que consideram aspectos dos “normais”. Deve-se sempre estar atento à falsa grande distância pressuposta entre os bruxos e os “normais”, como também exposto na pesquisa. Dessa maneira, mesmo que se problematize a origem das falas, torna-se claro como essas ainda podem ser aproveitadas. São pertinentes na medida que abrem a possibilidade de tematizarmos o que não afeta nem “só os *wizards*” nem “só os normais”, mas que, de certa maneira, está relacionado a todo o nosso horizonte histórico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 Compreensão Fenomenológica.

Durante o percurso do trabalho, procurou-se uma compreensão mais cuidadosa dos usuários do *Wizchan* que se denominam *Wizards*. Foram extraídas, do próprio *website*, falas dos mesmos. Para realizar essa investigação, utilizou-se o método fenomenológico de Edmund Husserl, e, para a compreensão do fenômeno que aparece, foram utilizados pensamentos de alguns autores, em especial, do filósofo Martin Heidegger.

Entender os modos de ser dos *wizards* de modo mais profundo requer outras investigações. Os trechos retirados refletem, certamente, as existências em questão – porém, serão sempre um reflexo parcial. Vale lembrar que, por não ter se utilizado o método da entrevista, não houve a possibilidade de requerer esclarecimentos ou mais tempo de foco para certas partes nos trechos. Isso implica que há sempre a chance de que tal usuário tinha em mente outro sentido, diferente daqui abordado, ao escrever a sua publicação. Por outro lado, o material coletado e analisado a partir dos próprios usuários, sem a aproximação como “alguém normal”, permitiu que todos os comentários se dessem na maneira em que usualmente se dão, ou seja, entre *wizards*.

De toda maneira, o trabalho pôde caminhar em direção ao seu objetivo principal: relacionar assuntos que surgem, analisando as falas dos *wizards*, às questões pertinentes a todos nós. Diferente de uma “anatomia” dos *wizards*, a proposição da pesquisa não é somente compreendê-los de forma mais aberta, mas também de poder tematizar aspectos do atual horizonte histórico. No trabalho foi possível constatar que os *wizards* não são isolados como poderiam pensar, ou seja, alimentam uma dicotomia problemática bruxo-normal. Ao criticar os que consideram “normais”, os bruxos por vezes caem em certas armadilhas, mantendo-se presos a generalizações e determinações. Porém, também carregam posicionamentos relevantes, que podem ser grandes disparadores de reflexões.

Portanto, deve-se atentar ao que os bruxos nos fazem pensar, e não somente reduzi-los a classificações. Aqui não se tem o objetivo de defender ou atacar quaisquer grupos, sejam os bruxos, sejam aqueles que o criticam ou os criticados. Permanecer nessa questão apenas desvia a possibilidade de uma compreensão do fenômeno dos *wizards*. Ainda, é importante ressaltar que a discussão aqui apresentada, por mais que utilize das falas de um grupo, não limitam sua importância a só ele. Ou seja, trata-se de um exercício, não só por parte do pesquisador, mas também por aqueles que venham a conhecer o trabalho: como lidar e conhecer os mais diversos grupos que, com a crescente expansão da internet, emergem e nos convocam problemas? Afinal, os bruxos representam uma pequena parcela de outros muitos grupos, também com identificações e culturas próprias, que podem ter difíceis, polêmicas posturas. Além disso, também representam pensamentos que não podem ser simplesmente “empurrados” para outros grupos, pois são falas e sofrimentos que surgem no seio da sociedade ocidental, compartilhadas por muito mais pessoas do que possamos imaginar. Dessa maneira, torná-los vilões seria uma maneira insensata de não se refletir o quanto esses discursos, pensamentos, atitudes, têm em cada um de nós.

3.2 Recepções dos *Wizards*.

No dia 30 de Julho de 2016 foi criado, pelo pesquisador, um tópico no *Wizchan*, no fórum destinado a assuntos em geral. O assunto foi o trabalho aqui realizado. Seus pontos e objetivos foram resumidos, sem informações sobre a autoria ou instituição. Trata-se de uma escolha feita pelo autor, considerando os riscos de ter sua identidade exposta. Procurou-se informar aos usuários a existência da pesquisa, assegurando-o como um trabalho acadêmico, diferente de mais uma crítica superficial ao *website*. Foi constatado que a pesquisa não tem um cunho “antropológico” de estudo de um grupo, mas com uma finalidade mais voltada à reflexão, utilizando-se o método fenomenológico de Husserl em psicologia. O tópico recebeu, em 5 dias, 35 respostas. A seguir estão algumas dessas respostas, selecionadas para demonstrar as diferentes reações à ideia do estudo. Todas as publicações foram traduzidas pelo pesquisador. As formatações dos parágrafos foram feitas a fim de refletir os comentários originais o máximo possível.

1. Eu estou interessado em ver isso quando estiver pronto se for possível.
Normalmente eu estaria cauteloso sobre essa ideia mas parece que você tem uma ideia decente do que você está fazendo. É sempre divertido ver uma análise mais profunda de pessoas como nós, a última que vi pareceu fazer muitos bons pontos e ideias para minha surpresa. Há uma diferença de dia para noite entre alguém que lê aqui e alguém que apenas escutou sobre nós e nos usou como uma tela para suas divagações normais-lixos.

2. por favor não escreva besteira sobre *wizchan* ou *wizards* para promover sua vida e carreira às nossas custas

3. Isso não vai dar nada bom, eu te falo. Isso vai nos por no espectro esquerdista e as pessoas vão começar a fazer tumulto por causa disso.
O que é ser um *wizard* é viver em paz longe de todas as críticas do sempre-fofoqueiro e traiçoeiro mundo normal-de-merda. Eu não gosto de ser zombado, mas também não quero ninguém "lutando" por mim também, só o que eu quero é que as pessoas nos deixem em paz.
[...]
O mundo que está aí é cheio de merda, eu não espero que nada disso irá mudar só por causa de uma monografia, mas eu acredito que isso arrisca nossa cultura também.
E você provavelmente tem uma namorada, vá se ferrar normal.

4. Eu realmente espero que você perceba que não há algo como um '*wizard*'. É um meme. Uma piada. Isso não significa nada mais do que é um idioma para descrever homens virgens de 30 anos.
[...]
Não há um "verdadeiro *wizard*" já que não há um parâmetro a ser julgado. Não há ideal unificado. Alguns de nós odeia esse maldito planeta. Nós não queremos nada mais que viver para ver grande sofrimento. Fogo nuclear raspando a escória das rochas, vaporizando a sujeira no nada.
[...]
Não há *wizards*. Apenas pessoas. A única coisa que nos une é o nosso destino mutual. Como se todos tivéssemos nascidos na mesma pequena cidade.
Deixe-me contar um pequeno segredo. Você está sozinho. Todos nós estamos. A paz que vem com a morte não é alívio, é inexistência.

5. Por que você está nos contando que você está escrevendo um trabalho sobre nós? Você não precisa de nossa permissão. (Eu não li o tópico porque estava muito longo e chato)

6. [...]Seu tópico me dá a impressão que você pensa que todos os *wizards* sofrem de alguma doença mental, tem alguma raiva debilitante por algum elemento da sociedade/seus membros, ou estão insatisfeitos com suas vidas. Se não foi a sua intenção, talvez o sumário possa clarear.

[...]

Eu estou curioso em ver se e como você identificou e descreveu as subcategorias de *wizards* em sua aproximação. Uma única generalização é obviamente insuficiente para descrever os *wizards* precisamente.

7. O que há com esse pessoal tentando tirar vantagem de gente como nós, e esse *site* como um todo?
8. Você é brasileiro? Se sim eu estou muito curioso, eu acho que esse é o último lugar que as pessoas seriam compreensivas sobre pessoas como nós.
9. *Wiz* ou aprendiz sacaneando seu próprio lar.
10. Eu não quero normais lendo sobre mim. Apenas nos deixe em paz.
11. Interessante. Eu aprovo o seu esforço. Pode ser que seja sem frutos, mas pode também dar a vocês psicólogos uma melhor compreensão dos *wizards*.

Esse tipo de coisa é bom. Normais nunca deixarão de sentir desprezo por nós, mas qualquer minúsculo pedaço de boas informações que possam ser divulgadas têm o potencial de fazer nossas vidas em sociedade mais fáceis. Eu penso que muitos aqui subestimam o efeito disso.

12. Eu não sinto confortável com o OP publicando nesse fórum. OP provavelmente estava em uma festa ou algo do tipo e provavelmente beijou uma súcubo. Estou apenas chutando, mas só em ir a uma festa já é ruim o suficiente. *Wizchan* é o único lugar onde eu sinto que posso estar cercado de pessoas que têm vidas e situações de merda parecidas comigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNSTEIN, Michael. et al. **An Analysis of Anonymity and Ephemerality in a Large Online Community**, 2011. Disponível em:
<<http://projects.csail.mit.edu/chanthropology/4chan.pdf>> Acesso em: Mar. 2016.

BIBANON. **4chan Prehistory**. Disponível em:
<<https://github.com/bibanon/bibanon/wiki/4chan---Prehistory>> Acesso em: Fev. 2016.

BIBANON. **Something Awful**. <https://github.com/bibanon/bibanon/wiki/Something-Awful> Acesso em: Fev. 2016.

BIBANON. **2ch History Timeline**. Disponível em:
<<https://github.com/bibanon/bibanon/wiki/2ch-History-Timeline>> Acesso em: Fev. 2016.

BOSS, Medard. Solidão e comunidade. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. São Paulo, n. 2, 1976.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 4, out./dez. 2014.

GIORGI, Amedeo; SOUSA, Daniel. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GIACOIA JR, Oswaldo. **Heidegger Urgente: Introdução a um novo pensar**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 5, n. 3, 2007.

_____. **Serenidade**. Coleção Pensamento e Filosofia. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.

_____. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Ser e Tempo**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

_____. **Que é Isto - a Filosofia? Identidade e Diferença**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

ISHARAYAR. **A small history of Ayashii World**. Disponível em:
<<http://ayashiiworldhistory.blogspot.com.br>> Acesso em: Fev. 2016.

MERRIAM-WEBSTER. **Simple Definition of Wizard**. Disponível em:
<<http://www.merriam-webster.com/dictionary/wizard.>> Acesso em: Jun. 2016.

MOMO1212. **Wizard**. Disponível em:

<<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Wizard&defid=3565730>> Acesso em: Mar. 2016.

OKEH, Ndee. **The Protochannel and the First Channel -- Ayashii World and Amezou World – The Grandparents of the Western Imageboard Culture.**

Disponível em: <<http://yotsubasociety.org/ayashii-and-amezou/>> Acesso em: Fev. 2016.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. **wizard, n. and adj.** Disponível em:

<<http://www.oed.com/view/Entry/229772?rskey=KBEqHv&result=1#eid>> Acesso em: Jul. 2016.

SÁ, Roberto Novaes. Hermenêutica fenomenológica da experiência de si mesmo e psicoterapia. In FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo (Org.) e PROTASIO, Myriam Moreira (Org.). **Situações Clínicas I: Análise Fenomenológica de Discursos Clínicos**. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, 2015. p. 45-65.

SÁ, Roberto Novaes. Contribuições da fenomenologia hermenêutica para uma meditação sobre o sentido da psicoterapia. In EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves (Org.) e MORATO, Henriette Tognetti Penha. **Fenomenologia Existencial & Prática em Psicologia**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016. p. 33-44.

SMITH, David. **The 20-year-old at heart of web's most anarchic and influential site.** Disponível em:

<<http://www.theguardian.com/technology/2008/jul/20/internet.google>> Acesso em: Mar. 2016.

TANNASIN.INFO. **Complete History of 4chan.** Disponível em:

<http://tanasin.info/wiki/Complete_History_of_4chan> Acesso em: Fev. 2016.

WIZCHAN. **Rules.** Disponível em: <<https://wizchan.org/rules.html>> Acesso em: Mar. 2016.

WIZCHAN. **FAQ: Frequently Asked Questions.** Disponível em:

<https://wizchan.org/faq.html> Acesso em: Mar. 2016.

4CHAN. **Rules.** Disponível em: <<http://www.4chan.org/rules>> Acesso em: Fev. 2016.

GLOSSÁRIO

- Wizard* Bruxo; mago. Nos dicionários, é definido como um praticante de artes ocultas, magia. Sábio; Filósofo; alguém muito habilidoso em algo. Por outro lado, como o *meme* na internet, refere-se a homens virgens acima de 30 anos.
- Meme* Palavra originada do livro O Gene Egoísta, de Richard Dawkins, trata-se de um elemento cultural, seja ele informação, comportamento, estilo, que pode ser passado de um indivíduo a outro em uma cultura. Tal processo espelha-se no funcionamento dos genes, seguindo a teoria neodarwiniana da seleção natural. Já no contexto da internet, a palavra é usada para referir a conteúdos, muitas vezes de humor, em formas variadas como imagens, textos, músicas, vídeos, que são repassados e copiados, usualmente sofrendo modificações, por usuários da Internet.
- Website* Também referido como site, é um conjunto de páginas na internet, localizadas dentro de um mesmo domínio.
- BBS* Trata-se de um sistema, por um computador servidor, que permite conexões via telefone usando programas, permitindo funções básicas como transmissão de conteúdo, troca de mensagens entre os usuários e jogos.
- Underground* Uma expressão para designar um ambiente, público ou produção que não se conforma aos padrões típicos.
- Crackers* O termo cracker foi estabelecido por estudiosos da computação para estabelecer uma forma mais específica de *hacker*. *Hackers* são aqueles que, em geral, procuram e se aproveitam de brechas em computadores ou redes de computadores, por diversos fins. *Crackers* são aqueles que invadem os

computadores, seja com objetivo ilegal, ou a fim de reforçar a segurança.

Geek O significado do adjetivo sofreu diversas alterações em seu sentido durante sua história. Por vezes considerado pejorativo, uma leitura do termo se refere a pessoas entusiastas em hobbies específicos ou peculiares.

Raid Baseado no sentido militar da palavra, denominando um ataque surpresa, a palavra é utilizada no contexto do *website* 4chan de duas maneiras. A primeira remete à iniciativa, acordada por uma parcela dos usuários de algum fórum, de acessar em massa algum outro fórum, *site* ou jogo, comumente com o objetivo de interferir no funcionamento do alvo. A outra se refere a ataques coordenados de *hackers*, em que anonimamente enviam grandes quantidades de informações a um mesmo servidor, almejando causar uma falha em seu funcionamento.

Lurk Verbo utilizado principalmente por usuários do *4chan*, no *website* ganha o significado de visualizar, acompanhar o que acontece nos fóruns, sem publicar seus comentários. Tal atitude é vista por muitos como essencial enquanto o usuário se familiariza com a cultura do *site*, pois o desconhecimento de *memes* e demais aspectos considerados importantes dessa é visto de forma negativa.

Normalfag Expressão pejorativa para referenciar o que muitos usuários do *4chan* e *wizchan* consideram como pessoas normais, geralmente assim consideradas por não acessarem esses *sites*. O sufixo *fag*, da palavra *faggot*, que é um modo pejorativo de se referir a homens homossexuais, é empregado nessa palavra, assim como diversas outras, como parte de um *meme*. Assim, na utilização da palavra pelos usuários, o sentido não se remete à conotação sexual, mas de um insulto genérico corriqueiro.

ANEXO

A seguir estão os trechos originais em inglês, retirados do *Wizchan.org* para o trabalho. Esses são separados e dispostos em tabelas, a primeira linha da tabela indica o participante pelo qual é referido no trabalho como autor do texto. As informações acima de cada publicação se referem a título automaticamente gerados pelo *website*. O primeiro campo se refere ao nome. Anonymage é um trocadilho entre as palavras em inglês anônimo (*anonymous*) e mago (*mage*), indicando o anonimato do usuário. Em seguida, a data em que o comentário foi publicado, cujo formato de data é do sistema imperial de medidas MM/DD/AAAA. Entre parênteses o dia da semana. Depois, o horário de publicação. Por último, o número de identificação correspondente ao comentário, único para cada um. Em alguns casos, a direita do número, há indicação de resposta a essa publicação, no formato de dois símbolos >> e o número do comentário-resposta.

P1
<p>Anonymage 05/25/16 (Wed) 20:36:52 No.84242</p> <p>A wizard is defined as a 30-year-old virgin. Some will argue about the standards for a "true wizard", but the bottom line is 30 years of age and virginity.</p> <p>If you have sex, you are instantly disqualified from being a wizard. That is a simple, discrete jump.</p>

P2
<p>Anonymage 05/26/16 (Thu) 02:50:25 No.84276</p> <p>all succubi are normals all unvirgins are normals all virgins who desire sex are normals all who socialize or desire socializing are normals</p> <p>some other things as well. i can't bother thinking of them, but essentially anything unwizardly or prohibited on wizchan i consider as normal or at least undesirable</p> <p>i don't consider posting on wizchan as socialization. it's more of a sacred duty that all</p>

wizards must perform regardless of their appreciation of it, because there is no other place for wizards

P3

Anonymage 05/29/16 (Sun) 15:25:16 No.84545

Does anyone else feel like they've lost the ability to speak? I can't formulate sentences spontaneously in real time like I used to be able to and when I'm forced to communicate it always comes out not how I wanted it to and sounding very slow and dull like I'm sleep deprived or something. I get that it's because I've voluntarily chosen to isolate myself all these years but it sucks that I can't even snap back a witty remark when I'm making small talk with my own parents.

P4

Anonymage 05/05/16 (Thu) 19:56:27 No.82384

Does anyone else want want to just lose their mind some time before the end? So many people are afraid of dementia, but I've lived with it in some form for most of my life.

I don't want to remember the things I've seen or done anymore. If it becomes a disjointed blur of faces, word, and deeds then so be it. If I can no longer separate reality from fiction so much the better. I wish I'd taken the blue pill.

P5

Anonymage 05/29/16 (Sun) 08:30:06 No.106542 [>>>106545](#)
[>>106525](#)

They say this because to them depression is feeling sad on the weekend and rarely lasts more than a few days.

They can't imagine depression lasting years and think that just like with them it will go away eventually

P6

Anonymage 05/29/16 (Sun) 08:38:58 No.106545>>106542

Not only that, but they've had it drilled into their heads from birth that life is beautiful and worth living. Most of them never experience what it's like to be on the shit end of it for the entirety of their lives.

P7

Anonymage 05/29/16 (Sun) 00:05:45 No.106526

I don't understand people's motivations to do even the most simple tasks. What are people trying to accomplish and what makes them believe that it will make them happy?

I think of the best case scenario and still I don't believe I would even be content.

Should I wake in the morning? Why? Should I brush my teeth? Why? Should I shower? Why? Should I eat healthy? Why?

I have no answer, no purpose.

What makes other people different from us, how can they be happy in this world?

THERE'S NOTHING

P8

Anonymage 05/15/16 (Sun) 22:13:39 No.90150 >>90151 >>90197

If you're talking about a large idea of what it means to be a wizard rather than just being a virgin, then the social aspect of it probably more important. Keeping the amount of real life interactions (and even non-anonymous online ones) to a minimum is a reward in itself. First let me say that relationships are everywhere, it's coworkers, the employees at the store, the people your family knows, the next-door neighbor you never talk to, and of course any past or present friendships if applicable. With every relationship you form, whether intentional or not, you risk

becoming involved in their lives. At the very minimum, they'll develop a perception of you and it can turn into expectations or responsibilities they will force onto you. Beyond that there is the chance they'll ask favors, try to talk, maybe even try to socialize. The more people you meet the more responsibility and burden you'll be subjected to even if little. This is something I feel is the focal point of what it means to be a wizard, virginity is just the requirement, and maybe even a side effect of this type of lifestyle people call "wizardry". I don't think I'd change in any way if I lost my virginity, but there is no reason or incentive for me to, I'm sure a fair share of people here are similar. And to the stealth normals reading: if you're relating to this it doesn't exempt you for being a normaltrash. So go where you belong

P9

Anonymage 06/04/16 (Sat) 01:25:16 No.107458

How do you guys deal with the passage of time?

Every time I muster up enough happiness to feel normal, I remember that we are all slowly dying and losing the precious time we have on earth. It's getting to the point that I can hardly enjoy anything anymore. How do you forget that you're dying and enjoy life again?

P10

Anonymage 06/10/16 (Fri) 22:35:32 No.108486

I hate how people have children as projects nowadays. One or two artisanal custom-crafted trophies to show around and brag about. And if the child fails despite all their work, they despise it like a broken toy or appliance.

My parents made me study all kinds of things before I even entered school. Then it had to be a special high school. Then it had to be special courses in the special high school. They literally told me that I should see myself as a stock corporation - good grades make the stock rise, bad grades make it fall. Buck up, kiddo, or you'll go bankrupt!

Now I'm a depressed perma-NEET and they barely want to talk to me anymore. All their normlord friends can talk about is how Chadwick is now doing graduate school or Sousanna makes a bazillion dollars doing Very Important Things. It's like their overpriced boomer cars aren't good enough to compare dick size anymore, their kids have to fill that role now.